

**BEATRIZ BRITO DE FERREIRA BANDEIRA**

**ASPECTOS DA VIDA DOMÉSTICA ATRAVÉS DO APARATO MATERIAL NA  
SOCIEDADE PARANANENSE NO FINALDO SÉCULO XIX.**

**Monografia apresentada à disciplina de  
Estágio supervisionado em pesquisa  
histórica, como requisito parcial para a  
conclusão do curso de História do Setor de  
Ciências Humanas, Letras e Artes da  
Universidade Federal do Paraná**

**Orientador: Prof. Carlos Lima**

**CURITIBA  
2005**

À Arqueologia

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à oportunidade de ter feito grandes amizades, ao professor Américo Agostinho que me abriu portas para Arqueologia e ao professor Igor e Roseli pessoas quem realmente admiro. Agradeço também a minha mãe, por ter me dado forças nas horas que mais precisei, ao meu pai e à Cantina.

## SUMÁRIO

<b>FOLHA DE ROSTO</b>	<b>i</b>
<b>DEDICATÓRIA</b>	<b>ii</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>iii</b>
<b>SUMÁRIO</b>	<b>iv</b>
<b>RESUMO</b>	<b>vi</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>01</b>
<b>1 Os valores hierárquicos, através de uma classificação dos montes-mores</b>	<b>05</b>
<b>1ª parte</b>	<b>05</b>
<b>2ª parte</b>	<b>06</b>
<b>Os inventários que contêm escravos</b>	<b>13</b>
<b>3ª parte</b>	<b>16</b>
<b>4ª parte</b>	<b>18</b>
<b>2 Aspectos da vida doméstica paranaense através do aparato material</b>	<b>21</b>
<b>3 Quem tem mobília e quem não tem mobília</b>	<b>33</b>
<b>4 CONCLUSÃO</b>	<b>44</b>
<b>5 FONTES E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b>	<b>48</b>
<b>6 ANEXO I</b>	<b>50</b>
<b>7 ANEXO II</b>	<b>52</b>
<b>8 ANEXO III</b>	<b>55</b>
<b>9 ANEXO IV</b>	<b>63</b>

## **Aspectos da vida doméstica através do aparato material na Sociedade Paranaense no final do século XIX.**

Autor: Beatriz B. de Ferreira Bandeira

Orientador: Carlos Lima.

Ao verificar aspectos da vida doméstica através do aparato material mencionado em 21 inventários, registrados entre 1880 e 1890, pudemos nos aproximar a que tipos de relações sociais na sociedade paranaense no final do século XIX. Objetivando chegar à compreensão da existência dessas relações sociais, através de seus valores, foi preciso levantar uma bibliografia a respeito da história do Paraná e analisar esses inventários. Segundo a bibliografia levantada, a partir da segunda metade do século XIX, o Paraná passa por diversas transformações econômicas. Até então, sua economia era essencialmente criatória, sendo a fazenda responsável pela construção de uma tradicional comunidade paranaense. Fortificadas em seus campos, as famílias fazendeiras criaram uma economia quase própria e consolidaram suas relações patriarcais. Porém, a partir de 1850, o Paraná passa a ter maior relevância em virtude do mate. Diante desse fenômeno, em linhas teóricas, quando acontecem alterações econômicas acredita-se na possibilidade de mudanças nas relações sociais, ocasionando uma transformação dentro da própria sociedade, devido à substituição de seus valores representativos. Para isso, fizemos uma análise dos inventários a partir de uma classificação do mais alto ao mais baixo monte-mor, em três capítulos. O primeiro descreve as casas e os escravos, o segundo e o terceiro tratam das mobílias e dos objetos de uso doméstico e pessoal. As casas revelam que existiram “*moradas*” no meio urbano e no meio rural. Os espólios que contêm casas nos dois ambientes, somente apareceram em inventários de alto valor monetário, que por esses motivos são considerados de elite. Enquanto que o restante, apenas tinha casas no meio rural e continha o valor reverso dos primeiros espólios classificados. No segundo e terceiro capítulo, ao analisarmos todo o aparato material que aparece nesses espólios, percebemos de uma maneira geral, que as mobílias e os objetos domésticos localizados nos ambientes voltados para a rua, demonstraram requinte, enquanto aqueles voltados para os ambientes privados mostraram simplicidade. O valor requintado nos deixa claro o desejo de exibir poder aquisitivo, o que pareceu ser uma prática comum à sociedade brasileira oitocentista. Quanto ao valor simples, este está ligado à não necessidade de investimento quotidiano doméstico. Essa despreensão nos faz crer que há uma relação ao passado dessa sociedade. O que concluímos diante de toda essa análise sobre os inventários e os valores sociais que desvendamos, apoiados na bibliografia consultada é a existência de uma mudança social de cima para baixo. É o fato da “elite” possuir casas no meio rural e no meio urbano, mas ao mesmo tempo, o seu aparato material voltado para o íntimo estar constituído de valores simples e patriarcal. De uma certa maneira esse tradicionalismo refletido na intimidade familiar nos passa a idéia de que o poder aquisitivo, exposto sobre o aparato material voltado para a rua é um reforço dos valores patriarcais regionalistas aos moldes de uma sociedade brasileira oitocentista.

**PALAVRAS CHAVE:** Sociedade Paranaense, Século XIX, Patriarcalismo.

## Introdução

Ao verificar aspectos da vida doméstica através do aparato material mencionado em 21 inventários, registrados entre 1880 e 1890, pudemos nos aproximar aos tipos de relações sociais que existiam na sociedade paranaense no final do século XIX. Objetivando chegar à compreensão dessas relações sociais, através de seus valores, foi preciso levantar uma bibliografia a respeito da história do Brasil, do Paraná e analisar esses inventários.

Segundo a bibliografia levantada, a partir da segunda metade do século XIX, o Paraná passa por diversas transformações econômicas. Até então, sua economia era essencialmente criatória, sendo a fazenda responsável pela construção de uma tradicional comunidade paranaense. Fortificadas em seus campos, as famílias fazendeiras criaram uma economia quase própria e consolidaram suas relações patriarcais. Sua economia era caracterizada pela produção para fins de subsistência, onde o consumido e o produzido eram na mesma proporção<sup>1</sup>.

Porém, a partir de 1850, o Paraná passa a ter maior relevância em virtude do mate, acarretando desse modo, uma transformação econômica, passando de uma produção remanescente para uma produção exportadora. Era uma economia que estava especialmente voltada à exportação, realizada para Argentina, Uruguai e Chile.<sup>2</sup> E por causa dessa mudança econômica, começam a surgir cidades, em razão de um desenvolvimento inicial do comércio paranaense.

Tendo em vista essa contextualização sócio-econômica sobre o Paraná no século XIX, precisamos relaciona-la aos aspectos de vida doméstica observados nos 21 inventários. Lendo autores a respeito da história social brasileira, acabamos percebendo que quando acontecem alterações econômicas, acredita-se na possibilidade de mudanças nas relações sociais, o que ocasiona uma transformação dentro da própria sociedade, devido à substituição de seus valores representativos.

Diante disso, é provável que os aspectos de vida doméstica que estamos vendo naqueles inventários, através do aparato material mencionado neles, possam estar revelando mudanças sociais na tradicional comunidade paranaense. Para comprovar isso,

---

<sup>1</sup> FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens Livres na Ordem Escravocrata. O Fazendeiro e o Seu Mundo.** São Paulo. Atica 1973. Pp 182.

<sup>2</sup> PILATTI, Balhana, Altiva; PINHEIRO Machado, Brasil e WESTPHALEN, Maria, Cecília. **História do Paraná** Grafipar – Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda, 1969. Pp.153

ressaltaremos algumas idéias do que está acontecendo no século XIX no Brasil, seguindo os textos de Gilberto Freyre, Tânia Lima de Andrade e depois tentando focalizar essas idéias mais no âmbito paranaense.

Começando com Freyre<sup>3</sup>, as transformações sociais começaram, num âmbito geral, a partir da primeira metade do século XIX. Essas transformações se dão basicamente na transição de morar do meio rural para o meio urbano. Os motivos são diversos, podendo ser de maior recebimento de influências européias, transformações políticas, econômicas ou culturais, fazendo com que os valores representativos patriarcais e coloniais se adaptem aos “novos” tempos. A casa grande, sob a forma de casa nobre de cidade, ou de sobrado, antes senhorial, que burguês, em contato com a rua, com as outras casas, com a matriz, com o mercado, vai diminuindo aos poucos de volume e de complexidade social.

Com o pensamento de Freyre, devemos pensar que com o surgimento do “centro urbano” de Curitiba, as pessoas que antes moravam naquelas fazendas de criação, arraigadas aos seus valores patriarcais, agora passaram a morar na cidade, que por algum motivo, relacionando a melhoria de condições de vida, essas pessoas estariam adaptando seus valores rurais às suas novas “moradas”.

Percebendo que as moradas urbanas significam mudanças de valores sociais, a partir de agora veremos como essas transformações estão atuando no interior desse habitat oitocentista, seguindo o pensamento de Tânia Andrade Lima<sup>4</sup>. Veremos quais são os valores relevantes para uma sociedade “oitocentista brasileira” em geral.

A partir do momento que as pessoas passam a morar na cidade, começa a surgir uma “classe consumidora”, no sentido de que aquela sociedade patriarcal que Freyre nos relata, passa a acrescentar novos valores representativos para se adaptar aos moldes urbanos.

Um dos aspectos desses “novos” valores, seria um considerável investimento no aparato doméstico permitindo supor uma função social de tal forma relevante. Ou seja, além do papel funcional que o objeto em si exerce, ele passa a ter um papel simbólico, uma representatividade social, fazendo surgir uma nova forma de comportamento. E esse

---

<sup>3</sup> FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano**. 1º volume – Livraria José Olympo Editora – 1951: Coleção Documentos Brasileiros.

<sup>4</sup> LIMA, Tânia Andrade. *Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX*. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N.Ser.v.3 p.129-191 jan./dez. 1995.

comportamento pode ser refletido, por sua vez, na maneira como é decorada e distribuída o interior de sua casa urbana. Seus compartimentos domésticos passam a ser divididos em ambientes “público” e “privado”, ressaltando um “individualismo”, característico do século XIX. E relacionando essa divisão com os valores que o aparato material doméstico transmite, acaba por moldar as relações sociais “oitocentistas”.

Diante disso precisamos acreditar que quando parte da população paranaense passa a morar em residências urbanas, ela também esteja vivenciando esse “novo” comportamento social.

Então essa sociedade patriarcal paranaense, se adaptando aos moldes urbanos, está convivendo com valores representativos ligados ao patriarcalismo e ao individualismo ao mesmo tempo. Ou seja, são aspectos “duais” nas suas relações sociais ligadas às pessoas da “rua” e às pessoas que fazem parte do seu “íntimo familiar”.

Diante de toda essa análise bibliográfica entre História do Brasil e História do Paraná nos aspectos sociais, teremos chance de encontrar que tipo de vida doméstica está presente no final do século XIX através da junção desse “pensamento”, brevemente citado, com uma análise dos inventários, a partir de uma classificação do mais alto ao mais baixo monte-mor, em três capítulos.

O primeiro descreve as casas e os escravos, o segundo e o terceiro tratam das mobílias e dos objetos de uso doméstico e pessoal.

No primeiro capítulo, analisaremos as casas descritas nos espólios, inserindo as suas localizações, se na cidade ou no campo, bem como a vida de seus habitantes. A seguir, verificando a sua localização, tentaremos perceber o que as diferenças, mostradas pelos aspectos físicos das casas, podem nos revelar. E, ao descrevermos as casas urbanas, consideraremos uma existência de mudança social, a partir da sua localização e do seu valor monetário.

No segundo capítulo, para tentar compreender a vida doméstica da sociedade paranaense nesse período, temos a intenção de verificar quais os valores representativos, que o aparato doméstico mencionado nos inventários, podem nos revelar. E em seguida, veremos que as mobílias e os objetos, localizados em possíveis ambientes domésticos de uma casa urbana de Curitiba, não transmitirão somente os valores representativos da



sociedade paranaense nesse aparato material, mas sim, no reflexo deles sobre o relacionamento dos objetos entre si.

Com a intenção de expor essa função do aparato material utilizaremos a linha do pensamento de Tânia Andrade Lima, um leilão de móveis anunciado num jornal da época e a organização do aparato material sob “lotes” do inventariado Eduardo Bento Ozório.

E finalmente, no terceiro capítulo analisaremos nos demais espólios até que ponto essas mudanças estão interferindo nos valores representativos dessa sociedade, diante de móveis e objetos de uso doméstico e pessoal que preencheram essas casas urbanas.

Assim veremos uma sociedade patriarcal paranaense, consolidada nas suas grandes fazendas de gado, se “transformando” numa nova sociedade quando passa a residir na cidade. Ou seja, acreditamos que esse “individualismo burguês” até pode ter atingindo o Paraná, mas como ao se deparar em uma sociedade, essencialmente oriunda, nas palavras de Pinheiro Machado, de uma “*economia periférica, regional e, talvez, ainda colonial*”.<sup>5</sup>

Os aspectos da vida doméstica vão nos mostrar que grau de mudança social estava acontecendo entre 1880 e 1890 e até que ponto o Paraná naquela economia agrícola, mais voltada para subsistência, ou seja, em condições de pobreza, passa a ser uma sociedade emergente, consumidora e individualista.

---

<sup>5</sup> COSTA, Odah Regina Guimarães. **Ação empresarial do barão do Serro Azul**; subsídios para o estudo da industrialização no Paraná. Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1981. 82p. 4 ilust. Pp. 9

### **Os valores hierárquicos, através de uma classificação dos montes-mores.**

O capítulo em questão faz uma classificação de valores hierárquicos de bens que constituem 21 montes-mores, conforme a sua avaliação, do mais valiosos para o menos valioso. Através desses valores analisaremos as casas descritas nos espólios, inserindo as suas localizações, se na cidade ou no campo, bem como a vida de seus habitantes. A seguir, verificando a sua localização, tentaremos perceber o que as diferenças, mostradas pelos seus valores monetários e aspectos físicos das casas, podem nos revelar.

Ao examinarmos esses inventários, veremos que seus espólios se constituem de “*moradas*” na cidade, propriamente no meio “urbano” e de “*moradas*” no meio rural. As casas da cidade situam-se nas ruas que fazem parte do “centro urbano”, como: Rua dos Alemães, da Assembléia, do Imperador, da Imperatriz, hoje conhecidas como: Rua 13 de Maio, Dr. Muricy, Marechal Deodoro e XV de Novembro<sup>1</sup>, respectivamente.

Quanto às moradas situadas na zona rural, são aquelas localizadas em “distritos mais distantes”, de Curitiba como Palmital e Veados e em outros municípios, que seriam Arraial Queimado, Palmas, Campina Grande, Voltuverava, etc.

A seguir relacionaremos os 21 montes-mores.

#### **1ª parte**

#### **1.1 Inventário da D. Maria das Dores do Nascimento: monte-mor de 41 contos e 693 mil réis.**

D. Maria das Dores do Nascimento faleceu em 1890 deixando um monte-mor de 41 contos e 693 mil réis. Trata-se do maior valor da relação, constituído de diversas casas e de uma “fazenda de criar” em Palmas com grande quantidade de semoventes.

Como o que nos interessa é o tipo de casa que ela possuía e onde vivia, fixaremos esse ponto. A casa em questão é situada no centro de Curitiba e foi adquirida do Dr. Aureliano Maurício Pires Caldas pela quantia de 8 contos, valor superior aos das demais casas mencionadas nessa relação de inventários. Infelizmente não temos como saber seu aspecto físico, pois somente é mencionado que é murado na frente, dando para o Largo de Teresa Cristina e seus terrenos com fundos para rua Direita e que continha todas as benfeitorias. Segundo anúncios de jornais na época, como “*Gazeta Paranaense*”, “*Dezenove de*

---

<sup>1</sup> Essas localizações de ruas foram descobertas ao ser vista a “Denominação e Situação das vias, praças e edifícios principais” de uma Maquete de Curitiba de 1876, ofertada ao Museu Paranaense em 1939, pela Prefeitura Municipal

*Dezembro*” e *“Diário do Comércio”*, acreditamos que através das casas descritas nesses anúncios benfeitorias seriam um *“bom quintal e excelente água para beber”*<sup>2</sup>.

No município de Palmas, D. Maria das Dores tinha duas casas em “mao estado” no valor de 125 mil cada uma, o que era muito pouco, caracterizando algo modesto. E finalmente, a fazenda de criar, no valor de 15 contos, que também é um valor muito alto, continha casa, mangueiras, benfeitorias, campos e matos, bem como seus semoventes totalizando um valor de 18 contos e 443 mil réis, perfazendo um total de 33 contos e 443 mil réis. Se juntarmos a fazenda e os semoventes, poderemos perceber que a origem da sua renda monetária estaria em Palmas.

Concluindo, através desse alto valor de monte-mor, podemos considera-la como integrante da elite paranaense do final do século XIX, ressaltando que D. Maria das Dores do Nascimento fazia parte de uma classe de um certo poder aquisitivo. Supomos que o lucro obtido no campo garantia seu sustento na cidade.

## **2ª parte**

### **1.2 Inventário de Frederico Schmidt: monte-mor de 13 contos de réis.**

Frederico Schmidt faleceu em 1888 e seu monte-mor é de 13 contos, sendo 1 conto a soma dos valores de suas mobílias e 12 contos, de suas 5 propriedades.

A primeira casa situada na rua do Imperador, construída de tijolos, com telhas e tendo na frente duas porta e quatro janelas. É avaliada por 4 contos, sendo dividida em duas moradas tendo cada uma, uma porta e duas janelas. Acreditamos que essa casa não era aquela em que vivia, pois estava dividida em duas e o valor de suas mobílias ser um pouco menos que o de uma delas, pois cada morada valia dois contos de réis. Poderíamos seguir a hipótese que ele alugava essas moradas e vivia de suas rendas. Infelizmente, não temos prova disso, a não ser por anúncios de jornais que nos induziriam a tais conclusões, ainda assim bem distantes de serem provas consistentes:

*“Aluga-se uma boa casa na rua Matto Grosso própria para pequena família com bom quintal e excelente água para beber e para lavar. Nesta Typographia se dirá com quem tratar”*<sup>3</sup>.

*“Aluga-se a casa rua de S. Francisco no 5 por preço cômodo , trata-se na rua Riachuelo no. 51. casa Italiana”*<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Ver em anexo III, pp. 55

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> *Ibidem*

Podemos supor também, que pela avaliação de cada morada não ser um alto valor e que teriam espaços pequenos após a divisão, os aluguéis seriam “cômodos” e propícios a pequenas famílias.

A segunda casa é de 7 contos e duzentos mil réis, situada no Largo Lobo de Moura e dando canto para a rua João Negrão. É dividida em duas moradas, edificada de tijolos com camadas “no pavimento superior” e tinha na frente uma porta e quatro janelas.

Poderíamos supor que o inventariado nela vivia, pois ao observar o seu valor vimos que é apenas 800 mil reis a menos que o da casa da D.Maria das Dores do Nascimento. Entretanto, essa casa também está dividida em duas moradas. Seu aspecto é diferente da primeira casa: tem uma porta e quatro janelas e ainda “camadas de pavimento superior”. Seria uma casa com um andar a mais? Talvez por esse detalhe de ter dois andares ela valesse três contos a mais que a descrita anteriormente.

O primeiro terreno é “asorado”(?), tem o valor de duzentos mil réis, com 40 palmos “contíguo” a casa da rua do Imperador. Apresenta um rancho de madeira, coberto de telhas. Segundo Aulete, rancho seria “*uma choça ou telheiro à beira dos caminhos, para abrigo provisório*”<sup>5</sup>. Portanto, seguindo essa definição, concluímos que não teria alguma finalidade econômica, daí o seu valor em reis ser baixo perante aos demais descritos nesse inventário.

O segundo terreno é “asorado”, avaliado em 300 mil reis, com 100 palmos de frente, situado na rua Conselheiro Marcondes e unido ao engenho do José Antonio Nóbrega & França. Não se encontra nada de relevante nesse terreno e o seu valor também é baixo.

O último terreno descrito desse espólio é “asorado”, avaliado em 300 mil réis, com 80 palmos aos fundos da casa do Largo Lobo de Moreira, provavelmente a segunda casa descrita anteriormente. Sua frente fica para a rua Conselheiro Marcondes e um dos cantos dá para a rua João Negrão. É um valor baixo, talvez também por não ter nada de relevante.

Resumindo, esse espólio contém duas casas divididas em 2 moradas que poderiam servir de renda à Schmidt, com a arrecadação do aluguel das mesmas. Através do valor delas e de suas descrições físicas, o que no primeiro inventário analisado não fica claro, nós temos uma idéia de como seriam as casas daqueles que pertenciam à “elite”.

Ao analisarmos esse inventário poderíamos o classificar como exceção na relação dos 21 montes-mores. Não há outro, com valor elevado de espólio, que tenha como

---

<sup>5</sup> Ver Anexo II, p.

inventariado alguém de sobrenome alemão ou qualquer outro estrangeiro, a não ser português. Entretanto, não podemos afirmar que todos os alemães aqui se deram bem: Com certeza se deram, mas nem todos. Observando o fato de ser de um alemão ou descendente, o segundo “mais rico” monte-mor, poderíamos supor que aqueles primeiros alemães que aqui chegaram estariam se “fazendo” com o desenvolvimento do “centro urbano” de Curitiba, como Newton Carneiro nos relata em seu livro<sup>6</sup>.

É o único inventário que descreve casas construídas de tijolos, sendo que uma delas possui um segundo pavimento o que é uma outra exceção.

Temístocles Linhares, seguindo as palavras de Newton Carneiro, querendo nos dar a impressão que Curitiba graças aos alemães se “modernizou”, nos conta que:

*“as paredes de taipa ou de adobe dão lugar aos tijolos pequenos, não raro sem revestimento de cal e com a estrutura de madeira amostra”<sup>7</sup>*

Finalmente, seu espólio também difere dos demais quanto a localização dos seus bens que é somente no “centro urbano” de Curitiba, o que nos induz que a sua renda financeira tem origem na cidade e não no campo.

Finalizando, seu espólio também difere porque é único inventário que descreve de tijolos, sendo que uma delas possui um segundo pavimento o que é uma outra exceção dos demais quanto a localização dos seus bens que é somente no “centro urbano” de Curitiba, o que nos induz que a sua renda financeira tem origem na cidade e não no campo.

Os espólios 3,4 e 5 dessa relação de “hierarquia monetária” são semelhantes entre si. Seus montes-mores se situam entre 11 e 9 contos de réis e podemos relacionar o que eles têm em comum: são pessoas que possuem uma ou duas casas no centro urbano, mas que tem seus terrenos de alguma cultura em distrito mais distantes do centro ou em municípios mais próximos de Curitiba. Esses “terrenos”, ou “sítios com suas benfeitorias” contêm “*planta*”, “*herval*”, “*pastagem*”, “*capoeira velha*” e “*invernada*”. Segundo o livro “História do Paraná”, invernada seria o aluguel das pastagens que o proprietário do terreno fazia para possibilitar desse modo a invernada dos semoventes<sup>8</sup>. De acordo com Aulete é

<sup>6</sup> Carneiro, Newton. As artes e o artesanato no Paraná. Conferência realizada a 31 de janeiro de 1953, por ocasião do encerramento do primeiro seminário de Geografia e História do Paraná, no Instituto de educação em Curitiba. Curitiba, 1953.Pp.6-8.

<sup>7</sup> Linhares, Temístocles. **Paraná vivo: um retrato sem retoques.** @ Copyright Hortência de Azevedo Linhares. Coleção Brasil diferente. 2000.Pp218.

<sup>8</sup> PILATTI, Balhana, Altiva; PINHEIRO Machado, Brasil e WESTPHALEN, Maria, Cecília. **História do Paraná** Grafipar – Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda, 1969.

“pastagem cercada de obstáculos naturais ou artificiais, onde se encerram animais de criação para descansarem e recuperarem as forças, ou para engordarem (quando novilhos), ou mais para outros fins, como cruzar raças, desterneirar vacas, etc”.

### **1.3 Inventário de Noberto Nunes Barbosa: monte-mor de 11 contos e 148 mil réis.**

O terceiro monte-mor pertencia ao Norberto Nunes Barbosa, falecido em 1889, o valor do inventário 11 contos e 148 mil réis e foi realizado por vários inventariantes. Somente 10 contos e 500 mil réis são de imóveis, os demais, 432 mil réis são de semoventes, 216 mil réis de tralhas domésticas e 171 mil réis de dívidas passeiras. Como nesse capítulo o que nos interessa são as casas e terrenos, iremos somente neles nos concentrar.

A primeira casa tem o valor de 7 contos, é construída com uma porta e 4 janelas e é coberta de telhas. Sua localização é na rua do Riachuello com fundos para o Largo Lobo de Moura. Seu valor é pouco menos que aquela de Frederico Schmidt de 7 contos e 200 mil réis descrita com uma porta e quatro janelas, com pavimento superior e dividido em duas moradas. Coincidentemente, a casa de Schmidt está ao lado dos fundos desta de Noberto Nunes Barbosa, no Largo Lobo de Moura. Entretanto esta casa não é dividida em duas moradas, apesar de algumas semelhanças de construção, e provavelmente seria a sua residência, pois afinal é um conto a menos com o da casa de D. Maria das Dores do Nascimento.

O segundo bem de raiz é um terreno de 600 mil réis com uma meia água em mau estado, com 80 palmos e localizados na rua do Imperador, hoje Marechal Deodoro.

A descrição do terceiro terreno é iniciada no inventário com a expressão: “*uma dita no fundo deste*”, o que nos faz supor que era um terreno com meia água no fundo como o anteriormente descrito e localizado na rua do Imperador. Ele também tem 80 palmos. Está situado na rua Conselheiro Marcondes e seu valor é de 200 mil réis.

O quarto terreno são duas ditas no mesmo estado que os anteriores, com duas meias águas, também estragadas, com 80 palmos de frente na rua Assungery e seu valor é de 600 mil réis.

---

O quinto, é uma dita dando para os fundo da rua do Assungery, sendo a frente para a rua Graciosa e é avaliado em 100 mil reis.

O sexto e último, é o mais diferente desse espólio, é um sítio com benfeitorias contendo uma casa velha e morada, situado no Uberaba, seu valor é de 2 contos de réis, o mais elevado entre os demais terrenos.

Resumindo, esse inventário é bem diversificado, aparecem vários tipos de bens como casas, terrenos, semoventes e mobílias. Entre as casas que aparecem, com os respectivos terrenos, uma é situada na cidade e a outra no campo. Podemos supor que desta última propriedade localizada em Uberaba deveria vir sua renda, indicando um modelo de vida semelhante ao primeiro espólio descrito nesse capítulo.

#### **1.4 Inventário de Maria Trindade Seixas: um monte mor de 10 contos e 695 mil réis**

O quarto inventário é de Maria Trindade Seixas, falecida em 1888, tendo sido mulher de Simão Seixas de Moraes, sendo este o inventariante dos bens do casal. O valor deste monte-mor é de 10 contos e 732 mil réis, sendo 37 mil relativos aos móveis, 195 mil aos semoventes e 10 contos e 500 mil réis aos imóveis, coincidentemente é o mesmo valor da soma de imóveis pertencentes a Norberto Nunes Barbosa.

O primeiro bem a ser descrito é uma casa, no valor de 4 contos de réis, coberta de telhas com 5 portas de frente e é localizada na rua Tenente Coronel Enéas, com fundos para a rua da Assembléia. Acreditamos que não seja uma casa pequena, devido a quantidade de portas existentes e que poderia ser uma casa propícia ao comércio.

O segundo imóvel é uma casa coberta de telha, “contígua” a casa anterior, com fundos para a rua da Assembléia, também localizado na rua Tenente Coronel Enéas e contém a três portas de frente. Presumimos que seja menor que a primeira, pois seu valor é de 2 contos, a metade da anterior.

A terceira a ser descrita é uma casa localizada no lugar chamado Butiatuvinha, distrito de Curitiba, portanto, afastado do “centro”. Sua dimensão é de dois alqueires, com telhas e 3 portas de frente, os mesmos detalhes da casa anterior de 2 contos, mas é mais barata, o seu valor é de 850 mil réis. Seria mais barata porque se localizava no campo?

O quarto imóvel é um pequeno terreno de pastagem, localizado naqueles dois alqueires, da descrição anterior e no valor de 150 mil réis. Seria esse também uma invernada?

O quinto descrito é um paiol coberto de tabuinhas localizado em Marangal, distrito de Curitiba. Segundo Aulete tabuinhas seriam uma peça composta de tabuinhas ou fasquias de madeira, sobrepostas horizontalmente e enfiadas em cordas e fitas para se poderem subir ou descer e que se suspende nos vãos das janelas ou das portas para resguardar do sol ou das vistas estranhas o interior das casas; o mesmo que persianas, nesse caso.<sup>9</sup> Seu valor é de 1 conto de réis, com área de 20 alqueires, especifica para planta e herval. Como o seu valor é maior que o da casa de telhas es três portas de frente, descrita anteriormente, poderíamos supor que esse terreno é mais valioso devido a sua finalidade econômica do que aquela casa de 850 mil réis.

O sexto é um terreno com dimensão de 10 alqueires, local de pastagens e herval avaliado em 500 mil réis e com um paiol coberto de tabuinhas. Segundo Aulete, paiol seria “uma casa para a arrecadação dos gêneros da grande lavoura”. A localização desse bem é denominado no lugar Rodrigo(?)<sup>10</sup>, no mesmo distrito anterior.

O sétimo e penúltimo terreno tinha 40 alqueires de “*capoeiras velhas*”, situado no lugar denominado Capivarinha, na região do rio Cachoeira. É avaliado em 1 conto 200 mil réis.

E finalmente por último, trata-se de um terreno propício para pastagem e herval, localizado em Campo Novo, no distrito de Paentuba, portanto não é daqui de Curitiba. Ele possui uma dimensão de 8 alqueires e foi avaliado por 800 mil réis.

Podemos ver claramente que se trata de inventário que reflete aquelas pessoas que tinham sua renda econômica vinda do meio rural, através de criação ou comércio de gado, e de plantação de mate. Às quantidades de alqueires mencionadas nesse inventário, chegam às vezes a terem maior valor do que a casa urbana. Devido à semelhança que esse inventário tem com o primeiro analisado nesse capítulo, convém considera-lo como pertencente à elite.

---

<sup>9</sup> Ver anexo II. P.

<sup>10</sup> Letras ilegíveis, por difícil compreensão de entender que palavra era.



### **1.5 Inventário de Tenente Joaquim Marques dos Santos: monte-mor de 9 contos e 565 mil réis.**

O quinto inventariado trata-se do Tenente Joaquim Marques dos Santos, falecido em 1881, mais ou menos 8 a 9 anos antes dos demais, o que nos dá a impressão de estarmos retratando uma realidade um pouco anterior a daqueles que faleceram de 1888 a 1890. Por exemplo, nesse inventário aparece a palavra *invernada*, o que os outros não tem. Por que? Aparecem também os escravos, o que com exceção do inventário de D. Francisca Maria da Silva, falecida em 1882, nos demais simplesmente não existe.

Seu monte-mor descrito é de 9 contos 565 mil réis. Seu espólio contém móveis, no valor de 350 mil réis, escravos de 2 contos e 50 mil réis, animais de 415 mil réis e imóveis estimados no valor de 7 contos e 100 mil réis. Este último é menor que o da primeira casa mencionada no primeiro inventário analisada nessa classificação de hierarquia. Poderíamos talvez considerar o fato de ser um inventário feito nove anos antes do de D Maria das Dores do Nascimento, quando talvez a realidade não fosse a mesma. Entretanto, com a diversidade de bens que o espólio do Tenente Marques dos Santos apresenta, poderíamos o inserir na elite paranaense do final do século XIX. Este inventário teria sido feito pela sua esposa talvez, não se sabemos, ou até mesmo por sua irmã, pois é mencionado que não houve partilhas.

O primeiro bem descrito é o de maior valor, 4 contos de réis, é uma casa localizada na rua direita, o que hoje seria a rua 13 de maio, também conhecida como a rua dos Alemães. Infelizmente a informação sobre o aspecto físico da morada nele situada é incompleta e muito vaga. Está escrito apenas: “*Uma morada de casa*”. Não sabemos mais nada, além disso.

O segundo terreno é “*um sítio com casa de morar, com todas as suas benfeitorias e um pequeno herval*”, avaliado em 1 conto de réis e situado no quarteirão do Ribeirão da Onça. Haveria a possibilidade desse pequeno terreno herval ser usado para benefício próprio ou para alguma outra finalidade econômica?

O terceiro terreno é uma pequena invernada cercada com herval no quarteirão do Capivary, avaliado em 600 mil réis, sem descrição de casa. A descrição do terreno é feita apenas em termos econômicos. Seria para valorização do mesmo?

O quarto terreno aparece desta vez como uma “parte” na Simaria do Potemã, no distrito da vila do Arraial Queimado e é avaliado por 1 conto e 500 mil réis.

Finalizando as observações feitas sobre esse espólio, como também sobre o próximo inventário em comparável aos demais, pois nele só aparece os escravos, não podemos deixar de lado uma análise sobre os escravos neles descritos.

Mencionando escravos nesse capítulo, começaremos a esboçar valores sociais determinantes na sociedade paranaense no final do século XIX. Mas sob esse aspecto, isso será mais aprofundado nos demais capítulos.

#### **1.6 Inventário de D. Maria Francisca da Silva: monte-mor de 2 contos de réis.**

D. Maria Francisca da Silva, falecida em 1882, deixou um espólio de 2 contos de réis valor este atribuído aos escravos que possuía em vida.

#### **Os inventários que contêm escravos**

Nesse caso o quinto e sexto espólio serão analisados juntos, porque em ambos aparecem escravos, suas avaliações foram feitas respectivamente em 1881 e 1882. As avaliações são feitas por cada escravos e podemos observar que são muito valiosos, pois até mesmo o de menor valor, talvez por ser criança e liberto, vale o mesmo que um “pedaço de terra”. Percebemos que os preços, ou melhor, os “valores”, variam entre si, de acordo com a cor, o sexo, idade, profissão e se é liberto ou não. Pelo preço, notamos que às vezes era muito mais importante ter escravos do que até mesmo a própria riqueza de terras.

Os escravos do Tenente Joaquim Marques dos Santos (5º inventário feito em 1881) foram avaliados num total de 1 conto e 700 mil réis e são os seguintes:

- Uma escrava de nome Laura, cor preta, solteira, idade 50 anos, da Nação (Africana), com um filho “ingênuo”, de nome Bento e avaliado por 500 mil réis.
- Um escravo de nome Hillario, de Curitiba, cor preta, idade 15 anos, 700 mil réis. Hillario era também filho de Laura.
- Um escravo de nome Adão, de Curitiba, cor parda, idade 13 anos, filho de Joaquim, 300 mil réis.

- Um escravo de nome Cândido, de Curitiba, cor preta, liberto (?), filho de Laura, 200 mil réis.

Tenente Joaquim Marques dos Santos – (1872) <sup>11</sup>

I No de ordem na matrícula	II No de ordem na relação	III Nomes	IV cor	V Idade	VI Estado	VII Naturalidade	VIII Filiação	IX Aptidão para o trabalho	X Profissão	XI Observação
1	5	Domingos	Preto	50	Solteiro	Africano	Ignora-se	Afeto (?)	Cosinheiro	
2		Laura	"	40	"	"	"	"	"	
3	X	Joaquim	"	20	"	Curitiba	"	"	"	
4		Adão	Pardo	5	"	"	F. de Joaquim	"	"	
5		Hilario	Preto	7	"	"	" de Laura	"	"	
6		Candido	"	3	"	"	"	"	"	

Os escravos de D.Maria Francisca da Silva (6º inventário feito em 1882), foram avaliados num total de 2 contos de réis. E são eles:

- Um escravo de nome Caetano, da Nação (Africano), cor preta, mais ou menos 52 anos solteiro e avaliado em 300 mil réis.
- Uma escrava de Catharina, da província, cor mulata clara, mais ou menos 35 anos, filha de Caetano, solteira, 600 mil réis.
- Um escravo de nome Ignácio, da província, cor parda, mais ou menos 32 anos, filho de Caetano, solteiro, 750 mil réis.
- Uma escrava de nome Escolástica, da província, cor branca (supõe que seja mulata clara), doentia mais ou menos 32 anos, filha de Caetano, solteira, 350 mil réis.

D. Francisca Maria da Silva, 1872. <sup>12</sup>

I No de ordem na Matrícula	II No de ordem na relação	III Nomes	IV cor	V Idade	VI Estado	VII Naturalidade	VIII Filiação	IX Aptidão para o trabalho	X Profissão	XI Observação
100		Caetano	Preto	50	Solteiro	Da Nação	Desemp.	tem	N...	Residente na cidade
		Catharina	Branco	25	"	da Província	filha...	"	"	"
1		Ignacio	Pardo	23	"	"	Ibdem	"	"	"

<sup>11</sup> É o que consta na relação no 398 dos escravos pertencentes à Joaquim Marques dos Santos. Município de Curitiba – Paróquia de Curitiba (art. 2º do Regulamento no 4,835 do 1º de Dezembro de 1871) – Nota – Província do Paraná, Município de Curitiba. Parochia de Curitiba, 12 de agosto de 1872.

<sup>12</sup> É o que consta na relação no 164 dos escravos pertencentes à Francisca Maria da Lisboa. Residente na Província do Paraná. Município de Curitiba. Parochia de N.Senhora da Luz – Nota – 7 de outubro de 1872.

2		Escolástica	Branco	20	"	"	Ibdem	"	"	"
---	--	-------------	--------	----	---	---	-------	---	---	---

Observamos que, geralmente, o homem jovem, entre 15 e 35 anos, no caso de Hillario (inventário 5) e Ignácio (inventário 6) chegam a valer 700 e 750 mil réis, respectivamente, quase o mesmo valor do monte-mor do último espólio que analisaremos nesse capítulo.

Em seguida vem Catharina, com um valor de 600 mil réis, seria pela idade? seria pela cor? Por ela ser mais clara que os demais? Depois vem Laura, com um valor de 500 mil réis, uma mulher de 50 anos, seria talvez pela experiência do “tempo de serviço”, no caso dela ser cozinheira, e ainda mais junto com um filho? E também por ser da África?

Logo vem Escolástica, que por ser “doentia”, quase vale a metade de Catharina, pois ambas têm mais ou menos a mesma idade e a mesma “cor”. Em seguida vem Adão de 13 anos e Caetano de 52 anos pelo mesmo preço, 300 mil réis. Talvez um por ter uma certa idade, e já não ser tão “produtivo” quanto os dois primeiros e o outro, Adão, ser já um liberto e muito jovem ainda para ser “produtivo”, portanto valer o mesmo que Caetano. Por último vem Candido de 11 anos, o mais jovem e o menos valorizado.

Esses escravos que acabaram de ser mencionados, apenas estão sendo descritos no aspecto de quem mais vale e quem menos vale. Como escravos, são objetos e propriedades ao mesmo tempo. O “preço” desses “objetos” seria uma fiança às vezes até mais valiosa que uma casa ou um pedaço de terra. Não convém nos aprofundar mais sobre a questão da escravidão nesse capítulo

### **Conclusão sobre os escravos.**

Analisando e comparando esses escravos o que vale ressaltar é que se trata de escravos domésticos, pelo menos é o que se consegue identificar na profissão de três escravos e por esse tipo de escravo, significa que no início da década de 1880, essa sociedade paranaense ainda estaria arraigada a um mundo patriarcal. O que acaba nos induzindo a pensar é que entre 1881-82 e 1888-89, esses valores patriarcais determinantes não podem ter mudado muito.

Como ilustração desses valores, servirá de exemplo a seguinte questão. No espólio de Tenente Joaquim Marques dos Santos, Hilário e Cândido são filhos de Laura e Adão de Joaquim. No espólio de Francisca Maria da Silva; Catarina, Ignácio e Escolástica são filhos de Caetano. Mas, tanto um quanto no outro, esses pais são “solteiros” o que quer dizer

ilegitimidade, reafirmando o aspecto de valor patriarcal na sociedade paranaense no final do século XIX. Mas ao falar de valores, seria conveniente deixá-los para explicar melhor nos dois próximos capítulos.

### **Conclusão da análise dos cinco primeiros inventários**

Por que considerá-los como parte da elite paranaense do final do século XIX?

Porque eles são os que apresentam os mais altos valores de monte-mor e mais diversidade de bens pessoais nos seus espólios com relação ao resto da classificação.

Em geral, as casas presentes nesses cinco espólios aparecem em contextos semelhantes entre si. A maior parte delas, ora está no “centro urbano” de Curitiba e ora, no meio rural junto a algum terreno de cultura, o que nos leva a presumir que a renda econômica dessas pessoas viria do campo, sendo o terreno, às vezes nesse local, mais valioso do que a casa.

Enfim, suas finalidades econômicas, propriamente ditas, nesses locais distantes seriam pasto, herval e internada. Trata-se de um tipo de economia que aparece muito na bibliografia levantada sobre o Paraná no século XIX: o comércio do gado que se fazia com os tropeiros, para ser vendido em Sorocaba e os hervalis nada mais, nada menos que o “famoso” ciclo econômico do mate, quando entre 1850 (época da emancipação da província) e 1870 (época do final da guerra do Paraguai), a economia paranaense somente vai “viver” dessa monocultura, pois a exportação dessa erva se encontraria no seu auge.

### **3ª Parte**

#### **A terceira parte: cinco contos, o limite.**

Passando para os espólios 7,8 e 9 dessa relação, poderíamos os classificar como outra parte. O valor do monte-mor cai bastante; de nove para 5 contos de reis. Apesar dos três inventários terem valores de monte-mor semelhantes entre si, somente um aparece com o “modelo” semelhante aos da elite, os demais, já não apresentam casa de campo e casa na cidade. Poderíamos supor que a realidade social desses inventários está começando a mudar. Vejamos os inventários:

#### **1.7 Inventário de Augusto Assis Texeira: monte-mor de 5 contos e 750 mil réis.**

O número 7 é somente a avaliação de uma casa, em “*mao estado*”, com quatro portas de frente e situada à rua XV de Novembro em Curitiba, dando terrenos de fundos para à rua Marechal Deodoro. Um bom valor é a ela atribuído, o de 5 contos e 750 mil reis

em comparação com as demais casas que se localizam no centro dos demais. Dizemos “um bom valor” porque existem moradas nos inventários descritos anteriormente que estão abaixo desse valor, chegando à 2 contos de reis, mas como são adicionados a outras propriedades, tornam os monte-mores maiores do que este.

Enfim, pela localização da rua, pelo seu valor, mesmo sendo em “*mao estado*”, poderíamos supor que se trata de uma casa comercial, mas também não deixamos de lado a possibilidade de ser uma residência. O que nos faz crer que é comercial, é devido a existência de 4 portas na frente da casa.

### **1.8 Inventário de Manoel Luis da Paixão e Maria Francisca de Godoy: monte-mor de 5 contos e 212 mil réis.**

Quanto ao oitavo espólio, é uma propriedade em torno de duzentos alqueires dividida em várias partes já distribuídas aos diversos herdeiros, que se localiza em Ribeirinha no distrito de Assumguy de Lima e seu monte-mor é de cinco contos e duzentos e doze mil réis, incluindo além da propriedade, diversos semoventes. Acreditamos que possa ser um exemplo do que era comum na época: os herdeiros constituem suas próprias propriedades dentro do terreno do finado patriarca da família, ainda em vida, principalmente se é no meio rural. É descrita a existência de “mata talhadiça” que “*se roça ou derriba para lenha, para cultivar outro fim*”<sup>13</sup>. Além disso, também não é mencionada nenhuma casa, a não ser terrenos com suas benfeitorias e “*um pequeno herval*”.

### **1.9 Sebastião Werklin: monte-mor de 5 contos de réis.**

Quanto ao espólio 9 seu monte-mor de cinco contos de réis é a soma de duas moradas, localizadas na rua da Graciosa, “centro” de Curitiba, mais outra casa já “stragada” fazendo parte de uma chácara, situada num lugar além do cemitério, chamado Olaria.

Enfim, poderíamos classificar esses três como a terceira parte, sendo estes o “limite” da elite pelo fato de que seus valores de monte mor serem muito próximos entre si e, além disso, a partir desses espólios, não aparecerá mais algum inventário em que o sujeito tenha casa no centro da cidade e alguma unidade de produção no meio rural, como quase todos apresentaram até agora.

---

<sup>13</sup> Ver anexo II

#### **4ª parte**

Os próximos 6 inventários são bastante semelhantes entre si e o valor do seus montes-mores variam de 4 a 1 conto de réis. Poderíamos dizer que todos eles têm suas moradas e seus terrenos de cultura em distritos mais distantes de Curitiba ou até em município mais próximos de Curitiba. O que há de comum aos anteriormente analisados é que os seus terrenos de cultura se dão em terras lavradas, capoeiras, herval, campo e pastagem, o que todos antes citados também apresentavam. Portanto diante dessa nota, percebemos que o aspecto econômico nesses tipos de cultura era predominante, pois dominava tanto aqueles que possuíam várias propriedades de um bom valor monetário, quanto àqueles que as tinham com “*casas velhas*”, “*em mau estado*” e com um monte mor baixo.

#### **O que restou dessa classificação**

Os próximos inventários, os números 16 e 17, têm seus montes-mores abaixo de 1 conto, portanto valores relativamente baixos. E ambos só têm propriedades em distritos mais afastados de Curitiba ou outro município.

Os demais espólios têm seus valores muito baixo entre 700 e 200 mil réis, portanto também não nos interessamos em relacioná-los com os demais inventários; apesar deles, exceto um, apresentarem moradas no centro da cidade como: Rua do Hospital, Rua da Assembléia e rua do Territo. A propriedade que aparece no campo, não contém casas, apenas terrenos para finalidade econômica, “herval” e “capoeira”, localizados na Villa Colombo, município próximo da capital e no distrito de Bocayva, “distrito distante” do centro da capital.

#### **Conclusões**

Através da localização, dos valores e dos aspectos físicos que as casas apresentaram nesses 21 espólios, tivemos a chance de constituir “hierarquicamente” a sociedade paranaense entre os anos 1880 e 1890.

A partir dos valores monetários que os montes-mores apresentaram, pudemos montar esse capítulo em 4 partes. A primeira parte somente se constituiu de um espólio, devido o seu valor de monte-mor ser o maior e “distante” com relação aos demais.

O primeiro da segunda parte é o único, com um alto valor de monte-mor, que apresentou sua casa e suas unidades de produção somente na cidade. Além disso, possui o sobrenome alemão, portanto um exemplo de um imigrante europeu que se deu bem aqui.

Em seguida aparecem três espólios, dois da segunda parte e um da terceira parte, com uma exposição dos seus bens dos espólios semelhantes entre si. Como: casas na cidade e no campo, mobílias e semoventes. Dois inventários da segunda parte, entre 1881 e 1882 apresentaram escravos domésticos.

Com a relevância desse detalhe, pudemos detectar restos de uma sociedade patriarcal e o florescimento e surgimento de novos valores representativos, no centro urbano de Curitiba, no final do século XIX.

Os outros dois espólios da 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> parte, o valor do monte mor continua caindo, mas a localização das casas se dão, em quase todos eles, no meio rural junto com suas unidades produtivas. Somente um espólio, da terceira parte aparece casa na cidade, mas sendo também o único bem presente nesse espólio. Isto coincide com o restante, que são dois espólios que sobraram também apresentando apenas uma propriedade.

Quanto ao valor monetário que as casas apresentaram, tanto no campo quanto na cidade, estas últimas valem mais do que as do campo. E quanto às do campo, elas se encontram mais valorizadas quando têm em junto, algum terreno de produção.

Em relação aos aspectos físicos, notamos que as que têm janelas valem mais que as de porta. E no campo, quando as casas aparecem, elas são mencionadas com cobertura de telhas.

As unidades de produção daqueles considerados da elite apresentaram semelhanças às unidades daqueles que não tinham casas na cidade. Como: terras lavradas, capoeiras velhas, herval, campo e pastagem. Diante desse fato, pudemos perceber que essas culturas refletem o que predominava na economia paranaense no final do século XIX.

Enfim, estamos percebendo que essa elite apresenta os seus bens “diferentes” dos outros restantes. Assumindo que aquelas casas urbanas mostraram transformação social, vemos que está acontecendo na sociedade paranaense, no final do século XIX, uma mudança social de cima para baixo, mas ainda se trata de uma sociedade essencialmente arraigada aos valores representativos consolidados no seu passado.



Para sabermos até que ponto essa mudança social está influenciando essa elite, seria interessante sabermos como se dá a vida doméstica naquelas casas urbanas, através do aparato material mencionado nos espólios, para vermos de perto como está se dando essa mudança. É o que vamos fazer nos dois capítulos seguintes.

### **Aspectos da vida doméstica paranaense através do aparato material.**

No capítulo anterior constatamos indícios de mudança social na tradicional sociedade paranaense a partir da localização de “moradas” no centro urbano de Curitiba. Nesse capítulo, iniciaremos a exploração desses ambientes urbanos para chegarmos ao objetivo da nossa pesquisa, que é a compreensão da vida doméstica paranaense no final do século XIX, através da análise sobre o aparato material mencionado nos espólios.

Ao mesmo tempo, ao tentar compreender essa vida doméstica nesse período, estaremos também verificando até que ponto essas mudanças estão interferindo nos valores representativos dessa sociedade, diante de mobílias e objetos de uso doméstico e pessoal que preencheram essas casas urbanas.

Com a intenção de expor essa função do aparato material é preciso utilizar a linha do pensamento de Tânia Andrade Lima, um leilão de móveis anunciado no Jornal da época e a organização do aparato material sob “lotes” do inventariado Eduardo Bento Ozório.

Para usarmos essa bibliografia, precisamos assumir diante daquelas casas urbanas identificadas no capítulo anterior, que elas estão fazendo parte de um contexto oitocentista de urbanização. Tendo essa razão em mente, iremos explicar a função da mobília como um detector de valor social, que ao se localizar em determinados compartimentos domésticos da casa urbana oitocentista, poderá estar apontando a certas características de relações sociais no âmbito externo da “morada” e no seu âmbito interno.

Começando com Tânia, podemos ter o conhecimento que as mobílias e os objetos de uso doméstico e pessoal,<sup>1</sup> não oferecem somente status social, mas também refletem certos valores que se encontram em uma determinada cultura que os exercitam. Ou seja, esses valores não oferecem somente o requisito social a partir da qualidade da mobília, por exemplo, mas ela reflete também certos valores representativos de uma determinada sociedade.

Avançando um pouco mais, acreditando num âmbito geral, as relações sociais representadas por aqueles valores constitutivo nas mobílias, refletidas na casa urbana do

---

<sup>1</sup> seguindo o pensamento de Tânia Lima, quando esta se refere às louças do século XIX, intencionaremos a equivaler o mesmo valor entre louças e mobílias, nesse projeto. LIMA, Tânia Andrade. *Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N.Ser.v.3 p.129-191 jan./dez. 1995. Pp 134

século XIX é repleta de uma esfera contraditória causada por valores ligados aos ambientes “público” (voltados para rua) e “privado” (íntimo familiar). Esses dois termos, por sua vez, denotam valores de “individualismo” que terá certa preponderância revigorada a partir da urbanização do século XIX. Fazendo desse modo, o individualismo uma legitimação do surgimento das cidades.

Mas, antes de nos aprofundarmos mais no assunto, é preciso frisar que com o que foi dito acima é apenas uma ‘generalização’ do que estava acontecendo no século XIX. Nesse ponto, precisamos pensar também como a sociedade paranaense está aceitando esse novo contexto doméstico, sendo que muito dos seus valores representativos, ainda devem ser essencialmente voltados para o meio rural. Por dois motivos: até a segunda metade do século XIX, essa sociedade ainda habitava nos campos, junto com suas fazendas e criações de gado. E o segundo motivo é que as casas do capítulo anterior nos revelaram que a maior parte da população, entre 1880 e 1890 ainda viviam nos campos em suas fazendas com suas unidades produtivas.

Diante desse outro fato observado no capítulo anterior, teremos que ficar atentos que as mobílias poderão estar apontando para valores que ainda atuam de maneira determinante e para novos valores que estão florescendo com o surgimento de Curitiba urbana naqueles tempos.

Os valores proclamando o caráter “oitocentista”, “individualista”, ou “requintado” serão os novos valores e os valores proclamando o caráter “patriarcal”, “regional” e “simples”, são os valores contínuos.

Além dessa observação de valores nos bens, de uma maneira simplificada, podemos nos aproximar mais ainda nesses aspectos da vida doméstica paranaense considerando também um outro tipo de análise. Simplesmente porque o contexto social do Paraná é de transição dos seus valores. Por esse motivo, pela maior parte dos inventários apresentarem moradas no campo, seria conveniente fazer uma outra análise para podermos chegar até que ponto seus valores representativos estão mudando.

Essa análise funcionará da seguinte maneira: ao detectar os valores nas mobílias, teremos que associa-los com os outros objetos que se encontram num mesmo ambiente doméstico. E com essa associação iremos formar um aspecto da vida doméstica.

E antes de descobrirmos esses valores nas mobílias, temos que imaginar como estão compactados os ambientes domésticos no interior da casa urbana de Curitiba daqueles tempos. Para isso, uma fonte nos serviria de base para esse objetivo. É o caso de um anúncio de Jornal de 1894, publicado no “diário do comércio”, pois através dele nos forneceria idéias a respeito da reconstituição dessa casa regional. Seguindo esse modelo, que essa fonte nos proporciona, é que vai servir de base para a análise das mobílias que constam nos espólios.

Nesse anúncio, constava um leilão de móveis onde existiam diversas mobílias organizadas sob cada compartimento doméstico. Então, se baseando nos textos de Lima, vejamos: A sala de visitas, o escritório e sala de jantar estão voltados para o “público”, enquanto que quartos e alcova são voltados para o “privado”

Diário do Comércio<sup>2</sup>

Curitiba, 2/01/94 – n.1 Anno IV – p. 3.

#### **Leilão de móveis**

Catálogo:

##### **Sala de visitas**

1 Meza redonda envernizada  
1 Pano para coberta de mesa  
1 Cesta fantazia para ornato  
1 Lindo par de quadros a óleo  
1 Par de quadro com oleographias  
1 Rico quadro representando  
a celebre Heroína, Joanna d’  
Arc, prestando juramento na-  
tes de seguir para a guerra.  
2 Mesinhas pequenas  
1 Lindo porta cartões  
1 Tapete para sala  
1 Par de escarradeiras  
1 Par de vasos de Porcellana  
1 Rico par de vasos de “  
1 “ “ “ “ “ “ “  
1 Palmatória de Porcellana  
4 vasos com plantas

##### **Sala de visita**

1 Excellente mobília austríaca  
com encostos de palhinha e  
composta de 1 sophá, 42 ca-  
deiras, 2 ditas de braços e 1  
de balanço e 2 aparadores  
com pedra de mármore.

##### **Escritório**

1 Escrevaninha com balaústres

1 Cabide  
1 Bidet  
1 Cupula  
1 Cama para casal  
1 Hergão  
1 Cama para criança  
1 “ “ “

##### **Sala de Jantar**

1 Mesa de jantar  
1 Meia mobília de vime com-  
posta de 4 sophás, 6 cadeiras  
12 ditas de braço e 2 consolos  
1 Par de quadro  
1 Par “ “  
1 Cadeira para criança  
1 Excelente guarda louça  
2 Consolos envernizados  
1 Lampeão para centro  
1 “ com pé

1 Par de vasos  
1 Cabide  
1 rico licoreiro

##### **Quarto**

1 Cama para solteiro  
1 Bidet  
1 Cabide  
1 Mesa para costura  
1 Mesa pequena

<sup>2</sup> Ver em anexo III. Pp

4 Cadeiras	1 Tapete para cama
1 Prensa para copiar	<b>Avulsos</b>
1 Lampeão	2 Excelentes cabras, leiteiras,
1 Quadro representando o 1º	sendo uma cria, uma ca-
Governo da República Bra-	brita.
Zileira	<b>Alcova</b>
1 Dito com o retrato do Con-	2 Excelente Toilette com pedra
tra almirante Marques Gui-	e mármore e espelho
marães	
1 Dito representando a procla-	
mação da República Francesa	

Após adotarmos os termos “público” e “privado” para cada compartimento doméstico apresentado nesse anúncio de jornal, vendo os tipos de mobílias que aparecem em cada parte residencial, poderemos estabelecer a algumas relações sociais dessa sociedade paranaense.

Mas devemos pensar que esses tipos de mobílias relacionadas a cada compartimento doméstico está querendo mostrar a uma relação social de caráter oitocentista, pois acreditamos que esse leilão de móveis seria uma espécie de “idealização” da casa Paranaense. E diante dessa perfeição, as características que estão sendo reveladas, são de caráter “individualista”. Adotando os valores “privado” e “público” nos compartimentos domésticos que aparecem, seguimos os como um “guia” para fazermos as classificações das mobílias que apareceram no próximo capítulo.

Além disso, essa “perfeição” de uma certa maneira representa o grau máximo que um valor social pode exercer. Pois afinal, não é errôneo dizer que o que aparece em anúncio de jornal para ser vendido tem que estar perfeito, eficiente e mostrar ao sujeito que é a melhor coisa que ele está comprando.

Em contrapartida a esse anúncio, com a intenção de revelar a existência do valor patriarcal, deveremos mostrar a organização do aparato material sob “lotes” do inventariado Eduardo Bento Ozório. Pela seguinte idéia: tudo que não demonstrar “individualismo” como a Tânia nos revelam em seus textos, deveremos pensar que estão transmitindo aqueles valores persistentes do mundo rural.

Infelizmente não temos a resposta em tentar saber o porquê de seus bens serem organizados em lotes, mas talvez por esse motivo é que tivemos uma oportunidade de ter acesso a um espólio rico de informações a respeito da sociedade paranaense no final do século XIX, e também porque ao olharmos para a mobília de cada lote junto com as

mobílias que constam no anúncio de jornal, percebemos que esses lotes correspondem a cada ambiente doméstico da casa de Bento Ozório.

Portanto, num primeiro momento, com o anúncio de jornais, iremos identificar onde essas mobílias ficariam. A partir da descrição dessas mobílias, iremos apontar a que valores esses utensílios domésticos nos fornecem. Num segundo momento iremos relacionar os objetos entre si, e com isso veremos qual o valor predominante sob cada ambiente doméstico.

Vejamos a sua divisão em lotes.<sup>3</sup>

*Termo de avaliação*

*Aos trinta dias do mês de setembro de mil oitocentos e noventa, nesta cidade de Curitiba, na casa de Josino Tito da Costa lobo onde se achão os bens escriptos neste inventario, ahi compareceu o juiz Municipal Doutor Manoel de Alencar Guimarães comigo escrivão de seu cargo, inventariante e avaliadores se procedeo a avaliação dos bens existentes que serão feitos em lotes depois de terem maminado*

*(?) o terreno descripto no inventario e fiserao da por cima seguinte:*

*Foi visto e avaliado um terreno com duseentos e quarenta palmos na travessa da matriz, hoje Lourenço pinto, resto da casa do mesmo finado, à rua do hospital hoje pertencente a Herculano Rodrigues pela quantia de quinhentos mil reis*

500\$000

*Foram vistos e avaliados uma cama de pinho envernescida a pincel, um lavatório de ferro com bacia e jarra de louça, uma canastra de couro em mau estado, um chumbeiro de couro, um polvarinho (?), um cabide de pão, por quinse mil reis*

15\$000

*Forão vistos e avaliados uma cadeira de imbuia, com balanço, dous bancos*

<sup>3</sup> JP 2465 – 1890 Cx. 118 págs.67

Josino Tito da Costa Lobo (inventariante)

Eduardo Bento Ozório (inventariado)

Processos judiciais de 1725-1940 tido no Arquivo Público do Estado do Paraná.

<i>compridos de pinho, um selim em mau estado, uma pistolla de dous canos, um bahu de couro em mau estado, um cachimbo (?) comprido,</i>	
<i>por vinte e um mil reis</i>	<i>21\$000</i>
<i>Forão vistos e avaliados duas cadeiras de braço em mau estado, quatro mesas pequenas e de pinhos (?), um bahu de folha com diversos ferros de furar, uma espada de metal amarello, uma mesa grande de pinho, por desenove mil reis</i>	<i>19\$000</i>
<i>Forão vistos e avaliados uma mesa de imbuia para escriptorio, uma biblia sagrada, vinte cinco brochuras de leis da antiga província do Paraná, uma brochura de poesias “Nolatas” por Leôncio Correia, uma pasta de papellão, seguindo volume de dicionário Roquet, por dose mil reis</i>	<i>12\$000</i>
<i>Forão vistos e avaliados uma espada com bainha de Nikel, uma banda de seda, um volume guia médico mãe de família, um volume brochado da república Federal por Assis Brasil, um livro de colleção do “desenove de dezembro” de 1876, outra colleção da “Província do Paraná” por vinte mil reis</i>	<i>20\$000</i>
<i>Forão vistos e avaliados uma mesa de imbuia, redonda, envernizada, um volume da reforma eleitoral, uma biografia do Dr. José Candido da Silva Muricy, um relógio de prata para bolço com uma corrente de ouro por sessenta e seis mil reis</i>	<i>66\$000</i>
<i>Foram vistos e avaliados vinte volume da historia universal por Coras (?) Cantú, 14 livros de ascetes de devedores pela quantia de trinta e cinco mil reis</i>	<i>35\$000</i>
<i>Forão vistos e avaliados cinco quadros com estampas, dose cadeiras de palhinha (austríaca) por trinta e quatro mil reis</i>	<i>34\$000</i>

Enfim, ao total são 8 lotes. Em cada lote consta mobílias e adornos pessoais. Partindo para o primeiro e se baseando no Leilão de móveis em 1894, veremos:

Lote 1:

A cama de pinho se trata de uma mobília necessariamente referente a um quarto. Assim como o lavatório de ferro com bacia e jarra de louça. Essa mobília, segundo José de Alencar, em seu livro “*Senhora*” também é encontrado em quarto.<sup>4</sup> Seus valores são requintados, mas de diferentes aspectos: a madeira da cama revela um requinte “patriarcal” e o lavatório de ferro revela um requinte “individual”

A canastra e o chumbeiro são objetos que convivem no dia-dia do sujeito e são de caráter modestos, também puxando para o patriarcal.

No último objeto do primeiro lote, o cabide de pao, segundo Aulete, serve para pendurar roupas, assim como armas. Mas como não há especificidade da madeira que foi feita o cabide, talvez não represente muito valor.

Diante dessa descrição vimos que se trata de um ambiente privado em que, em termos de valores, ele tem “requinte” representado no caso do lavatório de ferro, com a jarra de louça e a cama de pinho. Mas enquanto que o lavatório está para “praticidade” da sociedade brasileira oitocentista geral, o tipo de madeira, mostra que aquela cama foi feita na região. Portanto esses objetos requintados estão mostrando o patriarcalismo regional, junto com os objetos de uso doméstico e pessoal que são simples e modestos.

Lote 2:

Nas mobílias aparecem três tipos de assentos; uma cadeira de Imbuia, uma cadeira de balanço e dois bancos compridos de Pinho. Como o inventariante descreve o tipo de madeira que consistem nos móveis, presume-se que seja um compartimento doméstico voltado para a rua, para as visitas sentarem. Vendo a quantidade de cadeiras e os vários tipos de assento, poderíamos supor que esse número pode estar relacionado a uma prática “comum” na sociedade brasileira oitocentista.

No entanto ao vermos bancos, selim pistola, baú de couro e cachimbo, são móveis e objetos que estão fortemente ligados àquele patriarcalismo regional.

---

<sup>4</sup> “Já era sol quando Seixas ouviu mexer na maçaneta da porta, que de seus aposentos comunicava para o interior da casa. Era sem dúvida o criado que vinha preparar-lhe o toucador para o asseio da manhã.(...)”

Havia água no jarro de porcelana de Sèvres, que ornava o rico lavatório de pau-cetim. (...)”.ALENCAR, José de. **Senhora**. Série Bom Livro –30ª edição. Editora Ática São Paulo. 1997. Pp 118.



O que se conclui desse lote é que as mobílias se dividem em valores requintados regionais e modestos, no entanto os objetos são somente simples. Então mais uma vez, mesmo sendo um ambiente voltado para rua, a não necessidade de investimento predomina.

Lote 3:

O terceiro lote pode induzir à sala de jantar. Comparando ao anúncio de Jornal, vimos que a mesa grande junto com as duas cadeiras de braço, seria “comum” eles estarem nesse compartimento doméstico. Porém, essas duas mobílias junto com as quatro mesas de pinho e a espada de metal notam valores requintados voltados para região. No entanto, é uma sala de jantar aparentemente semelhante a qualquer outra sala de jantar que contivesse esses ‘modelos’, no século XIX.

Lotes 4 e 5

Os quarto e quinto lotes se referem a outro compartimento voltado para a “rua”. Devido a quantidade de livros expostos neles, e comparando ao leilão de móveis vimos que se trata de escritório, por causa da escrivaninha mencionada. Novamente, juntando o tipo da madeira e a espada de metal, percebemos que são objetos que tem requinte voltados para o patriarcal, apesar da escrivaninha ser um objeto comum sociedade oitocentista. Porém, os livros, que são objetos de uso pessoal, estão apontando para um individualismo típico do caráter oitocentista, que de uma certa maneira, não compatibiliza com o “patriarcalismo” refletido nas mobílias.

Lotes 6 e 7

Os sexto e sétimo lotes também são destinados ao escritório por causa da quantidade de livros, embora a mesa redonda apareça no anúncio de jornal referente a uma sala de visitas. Enfim, trata-se de um ambiente doméstico voltado para rua. O lote 6 é o que mais vale de todos os lotes devido a mesa e a relógio de prata com uma corrente de ouro. Esse relógio, de uso pessoal, mais uma vez está apontando para o “individualismo”, visto pelos livros.

Lote 8:

Passando para oitavo e último lote, as cadeiras de palhinhas segundo o anúncio de jornal, devido a quantidade de cadeiras que aparecem nesse lote vemos que poderia ser da ‘sala de visitas’, no entanto os quadros tanto podem aparecer nessas sala quanto no

‘escritório’. Novamente, valores requintados se refere a ‘oitocentismo’ e não ao regionalismo.

A conclusão geral que se tem dessas mobílias constituídas em cada lote é que mostram patriarcalismo, o valor dominante. No entanto a maior parte dos objetos do uso doméstico e pessoal, tirando o relógio de prata, são simples e modestos. De uma certa maneira essa não necessidade de investimento quotidiano doméstico, implica a idéia de que o poder aquisitivo, exposto sobre o aparato material voltado para a rua é um reforço dos valores patriarcais regionalistas, consolidados a partir da fundação das famílias fazendeiras com a criação de gado, mas aos moldes de uma sociedade brasileira oitocentista por causa da necessidade de requinte para o ‘publico’, que é muito comum no século XIX.

Diante dessa conclusão sobre o requinte das mobílias de Eduardo Bento Ozório tivemos o objetivo de ter mostrado como base de análise aos valores representativos e descobrirmos os aspectos das relações sociais da sociedade paranaense no final do século XIX. Porém quando levantávamos a bibliografia a respeito da história do Paraná em jornais da época e arquivos na casa da memória, nos deparamos coincidentemente com o nome Bento Ozório. A partir dessas informações extras que adquirimos, tivemos a chance de ter uma contribuição ainda maior à vida doméstica paranaense daqueles tempos.

Curiosamente, ao folhear os jornais da década de 1880, constava, de uma maneira freqüente, os nomes das pessoas que podiam votar, na seção dos “Editaes”, e a se deparar com os nomes que constavam na lista, eis o que aparecia:

Dezenove de Dezembro – Curitiba – Terça-feira, 29 de junho de 1881.

Anno XVIII – no. 2, 150.

#### **“EDITAES”**

Alistamento Eleitoral

Comarca de Curitiba

Município da Capital

Freguesia de N. Senhora da Luz

1º districto

1º Quarteirão

...

6. Eduardo Bento Ozório pelo art. 14 no 12.

Em seguida ao folhear alguns documentos da Câmara da prefeitura durante a década de 1880, vinha os seguintes dizeres:

*“(...)Uma indicação do Vereador Enes Bandeira pedindo a exoneração do Procurador da Câmara Aurélio J.R. Campo, e a nomeação a substituir, o Cidadão Eduardo Bento Ozório”.<sup>5</sup>*

Surpreendentemente tivemos a informação de que o Sr. Ozório era um Procurador da Câmara, ou seja, alguém que “advogava” diversos assuntos que fossem relacionados entre a câmara e o povo. Folheando mais um pouco esses documentos da câmara pudemos descobrir algumas atividades que ele realizou em vida.

São atividades como, alguém que pedisse para comparecer um agrimensor e mais empregados de medição para ser demarcadas as divisas dos terrenos do Cajurú com os do rocio desta cidade. Alguém que pedisse para vir em comissão assistir a entrega dos objetos da iluminação pública desta capital. Alguém cobrasse multas de comerciantes, que fosse o responsável em ir e buscar o tal dinheiro para a prefeitura. Enfim, entre outros, tipos de serviço desse estilo.<sup>6</sup>

E até vimos que uma casa que se encontrava em construção na rua do novo Hospital, que é a rua André de Barros, segundo a fonte, junto com uma casa que o Ozório possuía no Largo da Matriz e uma chácara com duas e meias cartas no quarteirão de Santa Quitéria, como sendo os seus bens servidos para sua fiança à Câmara.<sup>7</sup>

Será que ao falecer, em 1890, ele já não tinha mais a sua chácara e sua outra casa e somente aquela do Hospital, que na época estava em construção? Bem, isso revela que ele não era inteiramente da cidade, que ele teria tido em passado, com certeza alguma ligação do campo.

Mas, ainda continuamos a afirmar que ele está mais para cidade do que para o campo, pois afinal a sua renda vinha da Câmara, como Procurador. Mas não tinha uma certa riqueza, propriamente dita.

Mas talvez o que possamos complementar a essa sua suposta profissão, são os 14 livros de ascetes de devedores. Com essa quantidade de livros vimos que ele poderia ter sido alguém que vivesse de emprestar dinheiro às pessoas, ou seja, um prestamista. Para esse tipo de profissão logo devemos supor que em vida esse sujeito deve ter tido algum

---

<sup>5</sup> Sessão extraordinária em 29 de julho de 1878.

<sup>6</sup> Sessão extraordinária em 8 de abril de 1880.

<sup>7</sup> Sessão extraordinária em 1º de setembro de 1882.

recurso financeiro para poder emprestar dinheiro. Mas não sabemos. O que podemos deduzir é que certamente quando Bento Ozório faleceu, ele já não exercia mais essa função.

E por essa probabilidade dessa profissão talvez por isso ele teve o poder de acessar na Câmara Municipal.

### **Conclusões**

Enfim, o que podemos concluir sobre as informações extras de Bento Ozório e pela maneira que seus bens foram organizados, é que aquela elite, que consta no primeiro capítulo, não necessariamente poderia ter sua renda no meio rural, através de unidades produtivas e suas casas na cidade. Podia ser alguém da cidade como ele, que vivia de empréstimos às pessoas. E com a renda que ele tinha, era o suficiente para ele poder votar, apesar de não demonstrar suas riquezas de terra.

Quanto às informações em seu inventário, mesmo desconhecendo a razão que seus bens estão divididos em lotes, tivemos a oportunidade de expor certos aspectos da vida doméstica paranaense no final do século XIX.

Esses aspectos da vida doméstica que percebemos sobre o aparato material nos bens de Bento Ozório nos transmitiram valores ora “requintados”, ora “individualistas”, como as cadeiras de palhinha austríacas e os livros, mas que misturando com os valores “patriarcais e regionais” como selim, canastra, percebemos na vida doméstica paranaense uma convivência “harmoniosa” de dois tipos extremos de valores representativos sociais no seu cotidiano doméstico.

Enfim, assumido que aquelas casas urbanas do capítulo anterior estavam dentro do contexto oitocentista em geral, o aparato material de Bento Ozório mencionado nesses lotes, nos proporcionou desvendar certos valores representativos que compunham as relações sociais paranaense daquela época. Para isso, partimos do pressuposto da semelhança da exposição dos lotes com os cômodos que apareceram no Leilão de Móveis e junto disso, detectamos que tipo de valores as mobílias transmitiram.

Observamos que esses valores ora tendiam para o lado oitocentista e ora para o lado patriarcal. O que nos induziu a compreender uma vida doméstica convivendo com os dois tipos de valores.

Diante dessa percepção, esses certos aspectos de vida doméstica que o espólio de Bento Ozório nos mostrou, no próximo capítulo, poderemos analisar os demais espólios e

ver como essa gente que está morando na cidade, está convivendo com seus valores representativos “duais” nas suas relações sociais ligadas às pessoas da “rua” e às pessoas que fazem parte do seu “íntimo familiar”.

### **Quem tem mobília e quem não tem mobília**

No capítulo anterior percebemos que a vida doméstica paranaense no final do século XIX, está convivendo com dois valores representativos, o “patriarcal” e o “individualista”.

Porém acreditamos que pelo fato da maioria dos espólios ainda mostrarem as casas e seus terrenos produtivos no meio rural, o patriarcalismo ainda passa a ser forte, perante o individualismo do caráter “oitocentista”. Na tentativa de comprovar essa crença, iremos analisar nesse capítulo os quatro espólios restantes que contém o aparato material, para nos aprofundar mais sobre os aspectos de vida doméstica paranaense.

Curiosamente, esses quatro são justamente os primeiros anunciados no primeiro capítulo, portanto, analisaremos as mobílias e os objetos pessoais e de uso doméstico da “Elite”.

Consideramos esses de “Elite”, porque tinham suas unidades produtivas no campo e suas casas na cidade, e também porque esses bens eram os que mais valiam na relação do maior ao baixo valor de monte-mor. A partir dessa condição notamos que é impossível assumir que, essas pessoas que estão vindo morar na cidade, suas casas estejam todas preenchidas de ambientes domésticos “público” e “privado”, e o caráter “individualista”, esteja reinando seus ambientes. Muito pelo contrário, se formos relacionar esses primeiros bens, que aparecem na relação classificatória desses inventários, com a maioria que tem suas casas junto com suas unidades produtivas, logo percebemos que o valor patriarcal pode ser pertinente. Portanto, temos que ter em mente que essa cidade de Curitiba, que está florescendo aos pouco, ela não seja inteiramente “individualista”. É muito mais provável que tenha uma mistura dos dois lados; do caráter “oitocentista” e do caráter “patriarcal”, como foi mais ou menos detectado no capítulo anterior, com os bens de Bento Oazório.

Desse modo, não podemos deixar de lado nesse capítulo aqueles, o que é a maioria, que não mencionaram mobílias e objetos nos seus espólios, pois mesmo sem os seus valores representativos provenientes do aparato material doméstico, eles se restituem de algum valor, onde acreditamos que o patriarcalismo detectados nas mobílias de Ozório é proveniente desse ambiente. Para ilustrar quais os valores representativos dessa gente, iremos nos basear nos textos de Maria Sylvia de Carvalho Franco e nas peças consideradas “simples” no espólio de Eduardo Bento Ozório, para em seguida começarmos a análise das

mobílias daqueles que possuem o maior valor de monte-mor, até aqueles que têm o menor valor de monte-mor.

### **Aqueles que não tem mobílias**

É preciso primeiro mostrar os valores dessas pessoas que moram no campo, antes de analisar o aparato material restante, pelo simples fato de que as pessoas que estão morando na cidade, antes viviam no campo e a maioria da população paranaense ainda morar no meio rural. Portanto, intuímos que muito dos valores que vamos encontrar na elite ainda possa ter restos de valores provenientes do meio rural.

Comparando os preços das mobílias com “pequena parte de terreno” que tanto aparecem nesses espólios, vimos que a terra vale muito mais que um bem pessoal<sup>1</sup>. Porque era disso que eles viviam, fazendo disso a lavoura responsável à constituição dos seus valores pessoais e sociais e a partir daí a consolidação dos valores patriarcais paranaenses.

---

<sup>1</sup> Relacionando àqueles que têm mobílias, ao soma-los em conjunto, de cada um, seria igual ou menor que uma “*pequena parte de terra*”, o que é muito mencionado nesses espólios que não tem mobílias. Para visualizar melhor essa relação, segue-se dois exemplos:

“*Foi visto e avaliado duas pequenas partes de terras de pastagem no lugar Bocaituva districto dos veados pela quantia de trinta mil reis*”. 30\$000  
[1889, Cândida Maria (inventariante)/ David Antonio de Souza (inventariado)]  
“*Um pequeno terreno de pastagem com herva matte no lugar queimado que avaliam em cem mil reis*” 100\$000  
[1889, Joaquim Antonio Pacheco (inventariante)/ Francisca de Faria pinto (inventariado)]

Vejamos as mobílias:

“*Foi vista e avaliada pelos mesmos louvados juramentados uma mobília de Jacarandá composta de quatro cadeiras, sendo duas de braço, dous aparadores e um sofá pela quantia de cento e cincoenta mil rei*”s 150\$000  
[1881, Maria da Luz bandeira Marques dos Santos (inventariante)/ Tenente Joaquim Marques dos Santos (inventariado)].

1 *comoda* 20\$000  
3 *mesinhas velhas* 3\$000  
1 *cadeira de balanço* 7\$000  
[1889, João Baptista Barbosa Ribas e outros (inventariante)/ Norberto Nunes Barbosa (inventariado)]

Diante dessa comparação será que alguém que vende “*um pequeno terreno de pastagem com herva matte*” para comprar “*uma mobília de Jacarandá composta de quatro cadeiras, sendo duas de braço, dous aparadores e um sofá*” ou vender “*duas pequenas partes de terras de pastagem*” por “*1 cômoda, 3 mesinhas velhas e uma cadeira de balanço*”?

Logo respondemos não a essa questão. Principalmente pelo fato de ter mais inventários descritos em terras do que mobílias

Então, como seriam esses valores patriarcais? Por eles terem suas vidas totalmente voltadas ao campo, poderíamos induzir que eles não estariam preocupados com “conforto” e “requinte”. Não existem “regras estabelecidas”, entre como se portar nas relações ao “privado” e ao “público”, como é mostrado no texto de Tânia. Por exemplo, uma louça de porcelana toda decorada de azul e dourado, não é para ser usada no dia-dia, somente em “ocasiões especiais”. Pensa-se ser o contrário: O que se tinha dentro de casa, era somente utensílios básicos, provavelmente semelhante àqueles que foram considerados de “simples” no espólio de Eduardo Bento Ozório que continha mobílias e objetos. Onde não era importante a idéia de poder “comprar”. Porque afinal, os valores “simples” e “modestos” não tem a ver com o requinte individualista de caráter oitocentista.

Diante disso podemos afirmar que esses valores estão ligados ao patriarcalismo, sendo reconhecido de valores simples. Por exemplo, o mesmo banco (aquele visto no de Eduardo Bento Ozório) que ele usava para as suas refeições, também seria para receber visitas e até mesmo onde seu empregado sentaria.

Enfim, estamos falando de uma gente que ainda está ligada aos valores “pré-capitalistas”, onde a terra era a sua riqueza representada. São “fazendeiros” que criaram uma economia quase própria e consolidaram suas relações patriarcais, onde as atividades de agricultura e criação proporcionaram um modo de viver em o que se produz é o que se consome na mesma proporção por isso seus valores serem “simples”, pois o mais valioso é a terra, do que objetos materiais, porque a preocupação dessas pessoas é poder ter sustento próprio.

A seguir deixando para trás aqueles que não tem mobílias, partiremos para o que nos interessa: a análise dos 4 espólios que contém o aparato material. É por isso que para chegar até esse momento, que é o que vai revelar o nosso objetivo, tivemos que explicar como estaria acontecendo a vida domestica paranaense, e o apontamento para a existência de possíveis valores representativos dessa sociedade. Encontramos, portanto, o momento para explicar como realmente esses valores estavam nas relações sociais paranaenses. No entanto, somente veremos aqueles que foram considerados de “elite”, pois foram os únicos que apareceu o aparato material nesses 21 espólios. A seguir, depois de ver o aparato material de cada um, iremos relacionar com os demais dados que tivemos de cada inventários, onde a partir dessa associação teremos uma idéia de como seria a vida



doméstica de cada um, para em seguida, concluirmos a vida doméstica paranaense no final do século XIX.

Vejamos:

**1º espólio – Inventário de Frederico Schmidt: monte-mor de 13 contos de réis.**

Frederico Schmidt faleceu em 1888 e seu monte-mor é de 13 contos, sendo 1 conto a soma dos valores de suas mobílias e 12 contos, de suas 5 propriedades.

No inventário de Frederico Schmidt aparecem móveis e objetos. O primeiro se constitui de 5 camas, 1 armário, 1 guarda-roupa; 1 escrivaninha ordinária; 1 mesa grande, 2 meias mobílias importadas e 1 piano. A cama, o armário e o guarda-roupa, comparando ao anúncio de jornal, do segundo capítulo, esses estão em ambientes voltados para o “íntimo familiar”. Enquanto que a escrivaninha, a mesa grande, as mobílias importadas e o piano estão voltados para “rua”. Os valores que essas mobílias transmitem, todas, sem exceção, são restituídos de “requite”. Não existem diferenças como aparece no Bento Ozório, no sentido de ora “simples”, ora “requintado”.

E quanto a esse “requite”, ele também é diferente de Bento Ozório, pois nesse espólio observamos de forma pertinente, o patriarcalismo detectado nas suas mobílias. O “requite” de Schmidt está aproximando mais ao “individualismo” que Tânia tanto defende nos seus textos. Aquele relacionado a uma “classe emergente consumidora”, que por esses aspectos seriam os “burgueses” do século XIX.<sup>2</sup>

Quanto aos objetos que aparecem nesse espólio, eles são o seguinte: 1 espelho de vidro, 1 espelho de cristal, 3 quadros dourados, 1 quadro de aço, 1 quadro de fotografia e 1 relógio de mesa.

Os quadros, a fotografia e o relógio de mesa, em geral, também demonstram valores “requintados” e estão voltados para o “público”.

O espelho de cristal significa uma qualidade melhor que a de vidro. Pois o primeiro transmite uma imagem mais definida que o segundo, logo é para ser visto, demonstra “requite” e constitui valores “individualistas”. O que podemos perceber diante desses objetos é que um apresentando a qualidade melhor que o outro, apresentam um valor ainda “maior” que aqueles representando o “patriarcalismo”. Como uma prova disso é o fato de

---

<sup>2</sup> Lima, Tânia Andrade. *Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N.Ser.v.3 p.129-191 jan./dez. 1995. Pp. 130

que as mobílias que estão voltados para “rua” de Bento Ozório são confeccionadas de madeira local, enquanto que a de Schmidt, duas delas são importadas. Além disso, o valor total dos móveis desse é de 1 conto de réis, enquanto que a de Ozório é de 222 mil réis.

O que estamos percebendo nesse espólio é que todo o aparato material demonstrou “requite individualista”, tanto aqueles voltados para o “privado” quanto para o “público”. E comparando com as mobílias e objetos “requintados” de Ozório, vimos que o “requite” de Schmidt está mais ligado ao caráter oitocentista que o patriarcalismo regional.

Ao juntarmos com as informações desse espólio que tivemos no primeiro capítulo, percebemos: Ele é o segundo mais rico, na relação do mais alto ao mais baixo valor de monte-mor do primeiro capítulo, e seu sobrenome é alemão. Diante desses dois aspectos podemos ter uma idéia de que alguns imigrantes europeus, que vieram ao Paraná <sup>3</sup>no Século XIX, se deram bem. Ao relacionar os aspectos físicos da sua casa, percebemos 2 detalhes a mais, com relação aos demais. Elas são construídas de tijolos e uma delas possui “*camada no pavimento superior*”. Ele é o único dos primeiros espólios que aparecem na relação que não tem casa ou alguma unidade produtiva no campo. Portanto, diante de todos esses detalhes, vimos que ele é uma “exceção” aos demais, porque ele simplesmente não se insere no contexto de “transição de valores” que a sociedade paranaense está passando no final do século XIX.

Ao relacionarmos seu aparato doméstico, talvez podemos compreender, que por ele não ter relação com o campo, pelo que vimos em suas propriedades e ser um imigrante europeu, portanto alguém mais próximo aos acontecimentos da Europa, ele tenha o caráter mais individualista que os demais.

## **1.2 Inventário de Tenente Joaquim Marques dos Santos: monte-mor de 9 contos e 565 mil réis.**

O segundo inventariado analisado nesse capítulo se trata do Tenente Joaquim Marques dos Santos, falecido em 1881, mais ou menos 8 a 9 anos antes dos demais.

Seu espólio contém móveis, no valor de 350 mil réis, escravos de 1 contos e 700 mil réis, animais de 415 mil réis e imóveis estimados no valor de 7 contos e 100 mil réis.

---

<sup>3</sup> LINHARES, Temístocles. **Paraná vivo: um retrato sem retoques/** @copyright Hortência de Azevedo Linhares. Coleção Brasil diferente, 2000. Pp214.

Em seus bens móveis 200 vai para o trole e 150 mil para as mobílias

Seus móveis se constituem de uma mobília de Jacarandá composta de quatro cadeiras, sendo duas de braço, dois aparadores e um sofá. São todas mobílias “requintadas” e voltados para a rua. A mobília de Jacarandá demonstra o “requinte” patriarcal, apesar de jacarandá não ser local como pinho e imbuia, mas por ser de madeira “brasileira”, acreditamos que o valor seja do mesmo modo que o de Bento Ozório e todas as outras mobílias que foram fabricadas regionalmente.

E por fim, vem o trole, também um objeto requintado, no sentido individualista.

Seu valor representativo que mais predominou foram nas suas relações voltadas para o “público”. E nesse ambiente, seu valor se dividiu: em requinte patriarcal por causa das mobílias e “individualista” por causa da diversidade de assentos que aparece, pelos aparadores e por causa do trole.

Mas ao juntarmos essas informações de suas mobílias com o que foi analisado no primeiro capítulo, notamos um certo contraste de valores (distintos entre si). Pois em seu espólio aparecem escravos domésticos. E diante disso, como relacionar o valor individualista predominante no seu aparato material voltado para a “rua”? Pensando nessa associação, percebemos uma relação “dual contraditória”, no sentido de que devido aos escravos, as relações sociais dentro da sua casa, estão voltadas para um lado “patriarcal” e “conservador”, mas as suas relações sociais para “fora da casa”, se voltam para um lado mais individualista, “moderno”. Essa relação dual, contraditória é diferente com o que observamos no aparato material de Eduardo Bento Ozório. Nesse, seus valores representativos, nos passam uma idéia de que ele convive “harmoniosamente” com os dois tipos extremos de valores, pois eles aparecem num mesmo ambiente doméstico.

### **1.3 Inventário de Norberto Nunes Barbosa: monte-mor de 11 contos e 148 mil réis.**

O terceiro monte-mor analisado nesse capítulo pertence ao Norberto Nunes Barbosa, falecido em 1889, o valor do inventário 11 contos e 148 mil réis e foi realizado por vários inventariantes. Somente 10 contos e 500 mil réis são de imóveis, os demais, 432 mil réis são de semoventes, 190 mil réis de tralhas domésticas e 171 mil réis de dívidas passeiras.

Seu aparato material se apresenta de uma maneira diversa e, ao somar o valor total de toda essa tralha doméstica, é quase semelhante ao de Bento Ozório. As mobílias e os

objetos pessoais de Barbosa<sup>4</sup> foram somados por 190 mil réis, chegando até ser um pouco menos que de Ozório que é de 222 mil réis.

Seus móveis se constituem de:

<i>1 cama francesa</i>	<i>16\$000</i>	
<i>1 dita de ferro ordinária</i>	<i>1\$000</i>	
<i>2 marquesinhas velhas</i>	<i>5\$000</i>	
<i>1 comoda</i>		<i>20\$000</i>
<i>3 mesinhas velhas</i>		<i>3\$000</i>
<i>1 dita velha de jantar</i>	<i>3\$000</i>	
<i>5 cadeiras stragadas de palhinha</i>	<i>6\$000</i>	
<i>1 dita de balanço</i>	<i>7\$000</i>	

Seus objetos são:

<i>1 par de canastras e dita usadas</i>	<i>20\$000</i>	
<i>1 malinha de viagem</i>		<i>5\$000</i>
<i>1 par de esporas de prata</i>	<i>20\$000</i>	
<i>1 freio de prata</i>	<i>35\$000</i>	
<i>1 serrilha ordinária de prata</i>		<i>2\$000</i>
<i>1 selim estragado</i>		<i>8\$000</i>
<i>1 bomba de prata para mate</i>		<i>2\$000</i>
<i>6 colheres de prata enferrujadas (p<sup>a</sup> soup )</i>	<i>6\$000</i>	
<i>6 ditas de prata enferrujadas (p<sup>a</sup> cha )</i>	<i>3\$000</i>	
<i>6 garfos de prata</i>		<i>4\$000</i>
<i>1 chicotinho com três peças de prata</i>	<i>4\$000</i>	
<i>1 relógio de parede desconcertado</i>	<i>6\$000</i>	
<i>1 dito de prata p<sup>a</sup> bolso</i>	<i>10\$000</i>	
<i>1 oculo pequeno de alcana (?)</i>	<i>4\$000</i>	

Suas mobílias voltadas para o íntimo são poucas, pois apenas aparecem dois tipos de cama. Uma francesa, de 16 mil réis, importada, valendo mais que a outra de mil réis que é a cama de ferro. Em comparação a cama de pinho de Bento Ozório, os dois “tipos” de cama demonstram um “requinte” maior, mesmo a importada sendo mais cara que a de ferro.

As mobílias voltadas para sala de jantar, sala de visitas, etc. se mostram em três tipos de assento (2 marquesinha, 5 cadeiras de palhinha e 2 de balanço) e dois tipos de mesa (1 cômoda e 1 mesa de jantar). Todas são consideradas com “requinte”, voltadas para o caráter “oitocentista” devido à diversidade de tipo que aparece ao assento e à mesa.

Mas, olhando para seus objetos, tivemos as seguintes informações:

A canastra, a malinha de viagem, o par de esporas de prata, o freio de prata, a serrilha ordinária de prata, o selim estragado, a bomba de prata para mate e o chicotinho com três peças de prata demonstram “simplicidade” com relação aos objeto de Schmidt e

---

<sup>4</sup> Ver anexo I Pp.

certa semelhança ao de Bento Ozório. No sentido de que ainda existe um “tradicionalismo” patriarcal regional, aquele mostrado pelos que não contém mobílias, refletido especialmente na intimidade individual.

Os talheres, os relógios e o óculo são objetos “requintados” lembrando um certo individualismo, semelhantes ao de Schmidt. Mas segundo Tânia Lima em outro texto seu, o contexto dos talheres seriam os seguintes:

*“Anteriormente só a faca era utilizada, com seu uso limitado aos homens, chefes de família. Comia-se com os dedos – o polegar, o indicador e o e médio – ou solvia-se o alimento, em geral pastoso ou líquido, diretamente das malgas. As elites dominantes possuíam garfos, facas e colheres de prata, porém sempre guardados, sendo considerado mais como investimento do que como utensílios”.*<sup>5</sup>

Ou seja, podemos considerar que esses talheres, com relação aos demais objetos que aparecem no seu espólio, apesar de serem requintados e “individualista”, serviam mais como investimento do que a sua funcionalidade propriamente dita.

O que estamos vendo é que os objetos de Nunes Barbosa que estão mais pendentes ao patriarcalismo, que ao “individualismo” e devido ao valor mais barato desses objetos, o seu espólio ser um pouco menos que o de Bento Ozório.

Concluindo, suas mobílias que preenchem os espaços públicos privados da casa de Nunes Barbosa são todos “requintados”, semelhantes aos de Schmidt. No entanto, os seus objetos de uso doméstico e pessoal, em sua maioria, revelaram valores “simples” semelhantes ao de Ozório. A partir da análise desse espólio, percebe-se nesse sujeito uma mistura de valores arraigados entre o rural e às praticidades que os objetos “modernos” lhe prometem.

Ao ver o que foi analisado sobre Nunes Barbosa no primeiro capítulo, podemos fazer a seguinte associação: Trata-se de um inventariado que apresentou mais terreno e casa no meio urbano, que no meio rural. Porém, relacionando o seu sítio com o selim, canastra, bomba para mate, faz com que seu passado patriarcal ainda seja pertinente. Mas ao olharmos de uma maneira geral o seu aparato material e associando-o com suas propriedades, vemos que ele é alguém que tem noção do individualismo oitocentista, devido à sua cama francesa e suas quantidades de mesa e cadeira que aparece nos compartimentos domésticos voltados para o “público”.

---

<sup>5</sup> LIMA, T. A.; FONSECA, M.P.R. da; SAMPAIO, A.C. de O ; FENZE –NEPOMUCENO, A. H.D. A tralha doméstica em meados dos século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. Dédalo, São Paulo, publicação avulsa, 1:205-230, 1989. Pp 207.

Ou seja, percebemos uma semelhança com Bento Ozório, porque é uma pessoa convivendo com os dois tipos de valores ao mesmo tempo, no sentido de que nem o patriarcalismo e nem o oitocentismo se “predominam” em algum ambiente doméstico, como o que foi observado nos valores representativos do Tenente Joaquim Marques dos Santos.

#### **1.4 Inventário de Maria Trindade Seixas: um monte mor de 10 contos e 695 mil réis**

O quarto inventário é de Maria Trindade Seixas<sup>6</sup>, falecida em 1888, tendo sido mulher de Simão Seixas de Moraes, sendo este o inventariante dos bens do casal. O valor deste monte-mor é de 10 contos e 732 mil réis, sendo 37 mil relativos aos móveis, 195 mil aos semoventes e 10 contos e 500 mil réis aos imóveis, coincidentemente é o mesmo valor da soma de imóveis pertencentes a Norberto Nunes Barbosa.

O valor da sua relação de móveis cai consideravelmente com relação as duas anteriores. De 190 mil réis para 37 mil réis, e sendo este o menor valor entre os 5 espólios que contêm móveis. E dessa vez, a qualidade dos móveis também não é a mesma que os demais e são semelhantes às mobílias de Bento Ozório.

<i>Uma pequena mesa de imbuia estimada em quatro mil réis</i>	<i>4\$000</i>
<i>Duas destas menores todas de pinho estimadas em cinco mil réis</i>	<i>5\$000</i>
<i>Cinco cadeiras de pinho estimadas em nove mil réis</i>	<i>9\$000</i>
<i>Uma marquesa de pinho estimada em dez mil réis</i>	<i>10\$000</i>
<i>? Catres (?) velhas estimadas em quatro mil réis</i>	<i>4\$000</i>
<i>Um tacho (?) de cobre estimado em cinco mil réis</i>	<i>5\$000</i>

Suas mobílias constituem ambientes públicos que nesse caso mais uma vez como os outros inventários, sala de jantar ou de visitas, comparadas ao anúncio de jornal e observadas pela quantidade de cadeiras e mesas. O material de ambos foi confeccionado localmente, de acordo com os tipos de madeiras mencionadas. Aparentemente se trata decoração mais modesta com relação aos demais, mas que devido a diversidade de assento e mesa não podemos não falar que ele fizesse parte do caráter oitocentista.

---

<sup>6</sup> Ver em anexo I

Olhando para as mobílias do ambiente público, percebemos os seguintes valores: um “requintado” semelhante ao de Bento Ozório e Nunes Barbosa, voltados para o patriarcalismo regional. Mas dessa vez, mais inteiramente do que “parcial”, como os dois anteriores, no sentido que eles apresentaram indícios de individualismo e esse espólio não está mostrando. E ao olhar para o catre que faz parte do quarto, notamos “simplicidade”, o que está relacionado a valores patriarcais.

Essa predominância marcante de patriarcalismo regional em seus ambientes domésticos, de uma certa maneira, se corresponde ao fato de que os seus bens de raiz se dão mais no meio rural do que na cidade. Trata-se de um valor representativo voltado a uma realidade do Paraná, mostrada na introdução, antes do século XIX e aqueles que não tem mobília nos seus inventários. Onde as famílias fazendeiras criaram uma economia quase própria e consolidaram suas relações patriarcais, fazendo da sua economia, sua produção de fins de subsistência, quase que condições de pobreza. E que por causa disso, é provável que possa existir uma certa privação do consumo supérfluo definido anteriormente pela “penúria”.

Ou seja, essas mobílias que mostram requinte, devido a sua localização e sua quantidade, que foram produzidas localmente, relacionando com o que foi dito acima, não é para demonstrar orgulho do seu passado patriarcal, originário das fazendas de gado, trata-se de uma preocupação em não gastar.

### **Conclusões**

À medida que vamos descrevendo as mobílias de cada espólio, percebemos que o primeiro e o último apresentaram extremidades e quanto aos que estão no meio deles apresentaram tanto patriarcal quanto individualismo.

O espólio de Schmidt apresentou valores essencialmente individualistas, nos ambientes voltados para o público quanto para o privado.

O espólio do Tenente Joaquim Marques do Santos, as suas mobílias voltados para a rua apresentaram requintes tendendo para o patriarcalismo. No entanto, seu trole aponta para o requinte individualista.

O espólio de Norberto Nunes Barbosa apresentou em suas mobílias e seus objetos tantos requintes patriarcais como individualista e também objetos de caráter simples, retratando um valor semelhante aqueles que não tem mobílias fazendo de todos esses valores conviverem “harmoniosamente” num mesmo ambiente doméstico, como foi revelado no espólio de Bento Ozório.

E por último, no espólio de Maria da Trindade Seixas, vimos que todo o seu aparato material prevaleceu somente o valor requinte patriarcal, o oposto do espólio de Schmidt.

Essas mobílias e objetos, do maior ao baixo valor de monte-mor, à medida que vai sendo menor o valor monetário, as peças vão ficando mais “baratas”. E o requinte patriarcal está ficando mais dominante, onde o seu passado ligado às grandes fazendas de criação de gado, fica mais forte, não por orgulho dessa origem mas pela preocupação em não gastar..

O que estamos percebendo também é que naquelas pessoas que mostraram os dois tipos de valores, tanto o individualista quando o patriarcal e o simples, esses três valores são encontrados tanto nos ambientes voltados para a rua quanto para os ambientes voltados para o “privado” e estão mostrando relações sociais indiferentes entre si. No sentido que eles não estão muito preocupados com o que deve ser “mostrado” e com o que não deve ser “mostrado”. Por exemplo, na sala de jantar de Nunes Barbosa suas mobílias são “*velhas*” e “*stragadas*”, mas ele tem uma cama francesa em seu quarto. A sala de jantar do Tenente Joaquim Marques dos Santos é mais “barata” que o seu trole.

Portanto essa indiferença está se opondo ao que era importante para a sociedade brasileira oitocentista em geral, que quanto mais cara a peça fosse, mais poder aquisitivo uma pessoa poderia mostrar.

Concluindo, de uma certa maneira esse tradicionalismo simplista patriarcal refletido tanto na intimidade familiar quanto voltado para rua, nos passa a idéia que ao mesmo tempo há um interesse em exibir o poder aquisitivo sobre o aparato material, por causa da diversidade e dos tipos das mobílias que aparecem nos espólios, mas num sentido de que é um reforço dos valores patriarcais regionalistas aos moldes de uma sociedade brasileira oitocentista.



### **Conclusão**

Essa conclusão visa expor como se deu a relação entre a bibliografia e as fontes, como até que ponto uma contribuiu com a outra para atingirmos o nosso objetivo, que é a compreensão de aspectos da vida doméstica paranaense no final do século XIX. Mostraremos a seguir que os resultados encontrados nesses capítulos, diante da análise sistemática dos inventários, que fizemos, nos proporcionaram o objetivo dessa pesquisa de uma maneira ampla e às vezes específica.

Admitimos que esse tema é muito específico e regional e para considerarmos seus resultados, temos que dizer que não houve constância das fontes e também falta de bibliografia com relação ao Paraná no século XIX.

Infelizmente, os inventários aos quais pudemos ter acesso, entre 1880 e 1890, se apresentaram de maneira irregular. Como: 2 inventários de 1881, entre 1882 e 1888 não existem inventários, depois aparecem 3 inventários do ano de 1888, e assim por diante....

Essa inconstância fez com que um dos motivos para o título do nosso tema acabasse ficando como “aspectos” da vida doméstica, pois não sabemos, por exemplo, entre os anos 1882 e 1888 que tipo de aparato material era mencionado.

Como exemplo disso, nos dois espólios dos primeiros anos aparecem escravos e nos demais não. Por causa das avaliações desses escravos, os valores representativos ficaram um pouco diferente dos de 1888 em diante. Devido a essa irregularidade, não podemos saber se essa diferença, de ter e não ter escravo seria relevante ou não, para contribuir à compreensão da vida doméstica paranaense.

Além disso, por ser 21 inventários e um período de dez anos, não podemos afirmar como realmente funcionava essa vida doméstica paranaense, por ser uma quantidade pequena em uma curta duração. Portanto apenas pudemos ter idéias e trazer para o nosso presente essa vida doméstica de uma maneira ampla.

Quanto à bibliografia, por se tratar de um tema de sociedade do século XIX, recorreremos às informações das fontes de autores que falavam da sociedade brasileira nesse período. Quanto às informações específicas daqui, tivemos que utilizar autores que falavam de São Paulo no século XIX. Intuímos que, o que estava acontecendo no campo social em São Paulo, não deveria ser muito diferente da realidade social do Paraná, como prova disso, são os relatos dos viajantes que estiveram aqui e também porque depois da emancipação da

província do Paraná de São Paulo, em 1853, essa realidade social não mudou muito entre 1880 e 1890.

No início, como pode ser visto na introdução, talvez por essa falta de bibliografia a respeito da sociedade paranaense, tivemos uma certa insegurança. Que tipo de informações as fontes nos revelariam? Seria o esperado de acordo com o que foi lido na bibliografia? Por isso, é possível notar que algumas informações nessa introdução estão acompanhadas pela expressão “Precisamos acreditar...”

Mas, à medida que fomos analisando as fontes, vimos que elas iam se compatibilizando com a bibliografia. Com as informações que tivemos a respeito da “sociedade oitocentista em geral”, vimos que esses inventários nos passaram conhecimentos satisfatórios sobre o Paraná no século XIX. Como exemplo, alguns autores nos relatam em seus textos que se tratava de um século de profundas mudanças estruturais que foram responsáveis por novas formas de comportamento. As fontes nos revelam que o Paraná também estava passando por uma transição.

Porém, para termos as informações dos inventários a respeito dos valores representativos da sociedade paranaense em si, apenas conseguimos alcançá-las quando fizemos a análise sistemática do aparato material. Verificando o que não era parte do “individualismo oitocentista”, em geral, como selim, pistola, banco, catre, etc. logo vimos que era característico da região. E por serem objetos mais baratos, que os importados e “modernos”, fizemos uma ligação com aqueles autores que mostravam um Paraná pobre, no sentido de que não se gastava com supérfluos e o que se consumia, se produzia na mesma proporção.

Acreditando que essa justificativa sobre a relação das fontes com a bibliografia foi feita por completo, a seguir deveremos explicitar quais os resultados que tivemos a respeito do nosso tema sobre a relação da análise dos 21 inventários com a bibliografia nesses três capítulos.

Vejamos quais os resultados dos três capítulos para contribuir a idéias a respeito da vida doméstica.

Com as localizações das “moradas”, foi o primeiro sinal de que as fontes estavam batendo com a bibliografia. Percebemos que as casas urbanas, que somente constavam nos montes-mores mais valiosos, mostravam transformação social, de cima para baixo.

Entretanto, pelo fato das casas aparecerem mais no campo do que na cidade, isto ainda revelou uma sociedade bastante patriarcal.

No capítulo 2 tivemos a oportunidade de saber como funcionava a exposição de certos aspectos da vida doméstica paranaense, no final do século XIX, através do aparato material de Bento Ozório mencionado em “lotes”. Para isso, seguimos um “plano” em desvendar certos valores representativos, que compunham as relações sociais paranaenses daquela época, partindo do pressuposto da semelhança da exposição dos lotes com os cômodos que apareceram num leilão de móveis anunciados num anúncio de jornal. E junto disso, detectamos que tipo de valores sociais as mobílias transmitiam.

Observamos que esses valores ora tendiam para o lado oitocentista e ora para o lado patriarcal, o que nos induziu a compreender uma vida doméstica convivendo com os dois tipos de valores.

No capítulo 3 antes de analisarmos os demais espólios que tinham mobílias, não deixamos de lado aqueles que não apresentaram mobílias, sendo suas casas justamente localizadas no meio rural. Entretanto, como a maior parte da população morava no campo, nos faz pensar que é impossível dizer que as que estão morando na cidade fossem inteiramente “individualistas”. Todos os espólios apresentaram mais mobílias voltadas para os ambientes domésticos voltados para rua. Os espólios de 1888 em diante nos apresentaram diversidade de cadeiras e mesas e quase todos produzidos localmente, o que nos ajudou mais ou menos a definir um aspecto da vida doméstica paranaense em geral.

Porém ao relacionarmos os objetos entre si, num mesmo ambiente doméstico, para saber até que ponto essa transição econômica-social estava interferindo na vida doméstica, através da comparação dessa associação com seus bens que foram analisados no primeiro capítulo, percebemos que eles nos deram informações particulares, onde cada um ficou diferente do outro. O primeiro espólio mostrou um individualismo “total”, o segundo, relações sociais distintas, dentro de casa era mais “patriarcal” e nos ambientes voltados para fora de casa era “individualista”. O terceiro mostrou valores um pouco semelhantes aos de Bento Ozório, porque tanto no “íntimo familiar” quanto para o voltado ao público, os dois valores opostos, “patriarcal” e “individual”, “conviviam” de uma maneira harmônica. E o quarto, os seus valores nos dois tipos de ambientes, apresentaram um forte patriarcalismo regional.

Ou seja, de uma maneira geral o que pudemos compreender dessa vida doméstica, é que a sociedade paranaense estava passando por um período de transição, de valores contínuos para os novos valores, acontecendo de “cima para baixo”, ou seja, dos mais ricos para os menos ricos. A maior parte da população ainda morava no campo junto com suas unidades produtivas em uma economia agrícola, voltada para a subsistência, em pleno florescimento do centro urbano de Curitiba. E ao nos aproximarmos melhor dos aspectos da vida doméstica, os valores representativos do aparato material doméstico de cada espólio, com seus bens de raiz, percebemos que nessa transição social de “patriarcal” para a “individualista”, estes valores estão diversificados. Ora os novos valores predominam, ora o patriarcal continua a persistir, passando uma imagem de valores regionalistas aos moldes de uma sociedade brasileira oitocentista.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA CONSULTADAS

### I. Fontes:

#### 1. documentos governamentais

Processos judiciais de 1725-1940 tido no Arquivo Público do Estado do Paraná.

CAMARA MUNICIPAL DE CURITIBA.// Atas:1878-9. Acervo disponível na base de dados CAMARA do aplicativo WINISIS da Casa da Memória da Fundação Cultural de Curitiba.

#### 2. Romances

ALENCAR, José de. **Senhora**. Série Bom Livro –30ª edição. Editora Ática São Paulo. 1997.

#### 3. Periódicos

DEZENOVE DE DEZEMBRO – 1890-1891.

DIARIO DO COMÉRCIO: 1892 – 1894.

GAZETA PARANAENSE – 1882-1888.

#### 4.Dicionários

**Dicionário Caldas Aulete**. 3ª edição. Direitos autorais adquiridos. E. Pinho Basto CIA LTDA. Lisboa Portugal. Ed. Delta. 1974.

#### 5.Relatos de Viagens

BIGG-WITHER, Thomas Plantagentet, 1845-1890. **Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná, 3 anos de vida em suas florestas e campos**. 1872-1875. Por Thomas B. W. Tradução e notas de T.L. Rio de Janeiro, José Olympo; Curitiba, UFPR, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. 1779-1853. Viagem à província de São Paulo; tradução de Regina Regis Junqueira; apresentação de Mario Guimarães Ferri. Belo Horizonte, ed. Itatiaia, São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

### II. Bibliografia

ALENCASTRO, Felipe. **História da vida privada no Brasil: Império/** coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe Alencastro – São Paulo: Companhia das Letras, 1997, - (História da vida Privada no Brasil; 2).

CARNEIRO, Newton. **As artes e o artesanato no Paraná**. Conferência realizada a 31 de janeiro de 1953, por ocasião do encerramento do primeiro seminário de Geografia e História do Paraná, no Instituto de educação em Curitiba. Curitiba, 1953.

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **A Rua 15 e o comércio no início do século**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.23, n.113, jul. 1996.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. Manoel de Aguiar Vallim, *um Homem e Sua Casa*.

COSTA, Lucio. *Notas Sobre a Evolução do Mobiliário Luso Brasileiro*.

COSTA, Odah Regina Guimarães. **Ação empresarial do barão do Serro Azul**; subsídios para o estudo da industrialização no Paraná. Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1981. 82p. 4 ilust.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens Livres na Ordem Escravocrata. O Fazendeiro e o Seu Mundo**. São Paulo. Atica 1973..

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano**. 1º volume – Livraria José Olympo Editora – 1951: Coleção Documentos Brasileiros.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era do capital**: 1848-1875; tradução d e Luciano Costa Neto. Rio de janeiro, Paz e Terra, 1977. 343p. ilust. (Pensamento crítico, v. 12)

KISTMANN, Virgínia Borges. **Design Cerâmico**: porcelanas de mesa: Alta cultura, produção em série, life style. Mimeo. Curitiba: UFPR, 2003.

LEMOS, A. C. de Carlos *Casa paulista*,. Edusp, 1999, 264 p.

LIMA, Tânia Andrade. *Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N.Ser.v.3 p.129-191 jan./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. *A tralha doméstica em meados dos século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. Dédalo*, São Paulo, publicação avulsa, 1:205-230, 1989.

LINHARES, Temístocles. **Paraná vivo**: um retrato sem retoques/ @copyright Hortência de Azevedo Linhares. Coleção Brasil diferente, 2000.

PILATTI, Balhana, Altiya; PINHEIRO Machado, Brasil e WESTPHALEN, Maria, Cecília. História do Paraná Grafipar – Gráfica Editora Paraná Cultural Ltda, 1969.

SAIA, Luís. **Morada paulista**. Editora Perspectiva, 1972.

SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. **Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil**. Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul: cultura material, discursos e Práticas.44 ediciones Deltridente, 2002.

### **Anexo I**

#### **Processos judiciais de 1725-1940 tido no Arquivo Público do Estado do Paraná.**

1. JP 2319 – 1881 Cx.111 págs. 10  
Anna Maria da Conceição, filha (inventariante),  
Fernando Ferreira de oliveira e sua mulher Anna Maria da Conceição (inventariados)
2. JP 2299 – 1881 Cx.110 págs. 28.  
Maria da Luz bandeira Marques dos Santos (inventariante)  
Tenente Joaquim Marques dos Santos (inventariado).
3. JP 2341 – 1882 Cx.112 págs. 17.  
Manoel Machado de Bonfim (inventariante)  
Maria Gonçalves da Luz (inventariado)
4. JP 2337 – 1882 Cx 112. Págs.21.  
Francisco da Silva Lisboa (inventariante)  
Francisca Maria da Silva (inventariado)
5. JP 2406 – 1888 Cx.115 págs.14.  
Simão Seixas de Moraes (inventariante)  
Maria da Trindade Seixas (inventariado)
6. JP 2395 – 1888 Cx. 115 págs.37.  
Christina Schmidt (inventariante)  
Frederico Schmidt (inventariado)
7. JP 2400 – 1888 Cx. 115 págs.12.  
Maria Francisca da Veiga (inventariante).
8. JP 2435 – 1889 Cx.117 págs.31.  
João Baptista Barbosa Ribas e outros (inventariante)  
Norberto Nunes Barbosa (inventariado)
9. JP 2416 – 1889 Cx 116 págs.14.  
Cândida Maria (inventariante)  
David Antonio de Souza (inventariado)
10. JP 2420 – 1889 Cx.116 págs.12.  
Joaquim Antonio Pacheco (inventariante)  
Francisca de Faria pinto (inventariado)
11. JP 2424 – 1889 Cx.116 págs.25.  
Manoel Luis de Souza (inventariante)  
Manoel Luis da Paixão e Maria Francisca de Godoy (inventariados).

12. JP 2426 – 1889 Cx.117 págs.10.  
João Martinho de Bonfim (inventariante)  
Rita Maria de Souza (inventariada)
13. JP 2464 – 1890 Cx. 118 págs.16.  
Francisco Pedroso de Moraes (inventariante)  
João Pedroso de Moraes (inventariado)
14. JP 2465 – 1890 Cx. 118 págs.67  
Josino Tito da Costa Lobo (inventariante)  
Eduardo Bento Ozório (inventariado)
15. JP 2469 – 1890 Cx.118 págs.20.  
Jose Joaquim da Costa (inventariante)  
Augusto de Assis Teixeira (inventariado)
16. JP 2459 – 1890 Cx.118 págs.38.  
Estevão Ribeiro do Nascimento (inventariante)  
D. Maria das Dores do Nascimento (inventaridado)
17. JP 2446 – 1890 Cx.118 págs.7  
Francisca Maria Ribeiro (inventariante)  
Joaquim Pennafiel dos Santos (inventariado)
18. JP 2442 – 1890 Cx.117 págs.16.  
Margarida de Campus (inventariante)  
Manoel Antônio da Rocha (inventariado)
19. JP 2450 – 1890 Cx.119 págs.2.  
Carolina Schneider (inventariante)  
Augusto Elmer (inventariado)
20. JP 2449 – 1890 Cx118 págs.15.  
João Antônio de Faria (inventariante)  
Comitilde da Trindade Araújo (s.e), (inventariado)
21. JP 2452 – 1890 Cx.118 págs.22.  
Nicolau Werklin (inventariante)  
Sebastião Werklin (inventariado)
22. JP 2448 – 1890 Cx.118 págs.13.  
João de Assis Velloso (inventariante)  
Francisco de Assis Velloso e Marinha Velloso (inventariado)
23. JP 2683 – 1890 Cx.133 págs.1.  
D. Maria Machado (inventariante)  
Ricardo José Machado (inventariado)



## Anexo II – Vocabulário Oitocentista<sup>1</sup>

**Alcova** – pequeno quarto interior onde está o leito.

**Algibeira** – s.f. bolso ou bolsa que se usa no vestuário, já fazendo parte integrante dele, já constituindo uma peça separada em forma de saquinho que se prende a cinta, e assim era usada pelas mulheres.

**Assorear** – v.tr. produzir assoreamento em, obstituir (barras, rios, etc), com areias, terras deslocadas, etc.

**Bahú** – caixa de forma retangular com a tampa convexa para a parte exterior e ordinariamente revestida de couro cru.

**Banco** – móvel comprido, ordinariamente feito todo de madeira, de pedra, de ferro, com encosto ou sem ele, que serve para gente se assentar. Mocho, escabelo.

**Banda** – s.f. tecido da Guiné Portuguesa.

**Cachimbo** – aparelho para fumar, consistente em uma pequena cápsula ou forninho de madeira, gesso, louça, etc. onde se deita e aqude o tabaco ou outra substância, e ao qual está adaptado num tubo por onde se aspira o fumo // Ferragem munida de um tubo em que entra o espigão dos lemes das portas; fêmea da ferragem chamada macho-fêmea. // Buraco em que se encaixa a vela do castiçal.// Freio à portuguesa (Hip.).

**Cadeira** – assento ou banco para uma só pessoa, com costas, e algumas vezes com braços.

**Caiva** – s.f. (Bras. Sul) terreno impróprio para a cultura, mato ruim, tarrasquento //F. tupi.

**Canastra** – Cesta larga e chata tecida de fasquias de madeira flexível ou de verga, com ou sem tampa.// Tomos de canastra, divertimento burlesca semelhando corrida de touros, sendo estes substituídos por homens metidos em armação de canastra. Jogo popular de cartas.

**Catre** – s.m. leito de pés baixo formado de lona, sendo ordinariamente os pés em aspa e móveis em torno de um eixo, para se poder desarmar; cama de viagem. // cama pobre, miserável. // (Brás. Sul) espécie de jangada ou balsa. // F. persa. Catel.

**Chumbeiro** – Cilindro de couro, onde os caçadores trazem o chumbo. [usa-se a tiracolo ou em torno da cintura]. F. Chumbo.

**Cômoda** – grande móvel de madeira, guarnecido de gavetas, onde ordinariamente se guarda roupa branca.

---

<sup>1</sup> **Dicionário Caldas Aulete.** 3ª edição. Direitos autorais adquiridos. E. Pinho Basto CIA LTDA. Lisboa Portugal. Ed. Delta. 1974.

**Consolo** – o mesmo que consola – peça saliente e ornada que serve para sustentar uma estátua, um vaso, ou para servir de apoio a uma cornija, um vaso, ou a uma sacada, etc. // Base ornamental que se coloca nas salas para sustentar estatuetas, candelabros, vasos, etc. // (P.ext.) Pequena mesa de ornamentar as salas sobre a qual se colocam objetos de arte ou curiosidades: o que lhe agradou mais foram as belas faianças...por sobre o mármore das consolas. (Eça de Queirós, *Maias*, II, c.3 p. 143, 3ª ed.) F. fr. Console – p.813. volume II.

**Fossão** – adj. E s.m. que ou que fossa muito //fig. Glutão // F.r. fossar

**Fossar** – v.tr. Revolver (a terra) com a tromba. *“Deu com ele por último no curral dos porcos, onde quatro destes animais fossavam estrume lamacento”*.

**Gabinete** – sala pequena destinada ordinariamente para trabalho: gabinete de estudo. // Escriptório // Uma habitação, sala mais particular quer as outras, destinadas a diferente usos. Ex: Gabinete de entrada. // quarto reservado em hospedaria ou em casa de pasto onde um freguês pode comer só ou acompanhado com outras pessoas que quiser sem ser visto por outras pessoas que freqüentam a casa; reservado.

**Herval** – erval – s.m. (Brás., Rio Grande do Sul, SC e PR) mata em que a erva-mate é abundante ou predomina. /// F. Erva.

**Imbuia** – árvore laurácea (phoebe porosa, Mez.) que dá madeira muito aplicada na marcenaria. Mobiliário fino que rebrilhava aos toques do Sol, em filetes e em mimbos das grandes peças de Imbuia que ainda chegavam a cola e a vernizes. 9Coelho Neto, *Água de Juventa*, p.213, ed.1921).

**Invernadas** – s.f. (Brás) (Sul). Pastagens cercadas de obstáculos naturais ou artificiais, onde se encerram animais de criação para descansarem e recuperarem as forças, ou para engordarem (quando novilhos), ou ainda para outros fins, como cruzar raças, desterнейrar vacas, etc.

**Lavatório** – s.m. móvel com bacia e jarro onde se contém a água destinada a lavagem da cara e mãos.

**Lavradio** – adj. Próprio para se lavar; adequado para a lavoura.

**Marquesa** – espécie de canapé muito largo com assento de palhinha: Volumes de baetas e lençóis de algodão, colocados em marquesas, em tábuas e palmas sobrepostas. (Xav. Marques, Sargento Pedro, c.22, p.173, ed. 1910). Pág.2278

**Marquesinhas** – s.f. espécie de barraca exterior de campanha que se coloca sobre a tenda dos oficiais para preservar da chuva. // (Cam.de ferro) Resguardo de zinco ou de madeira, em forma de alpendre que há em certas estações mais freqüentadas dos caninhos de ferro com destino especial de abrigar do sol ou da chuva os passageiros que se aglomeram na plataforma; marquesa.

**Medalhão** – caixa pequena, achatada, circular, oval ou oblonga, de metal, com tarupa ordinariamente de vidro, onde se guarda o retrato, o cabelo ou uma recordação qualquer da pessoa que estimamos. // Baixo relevo de figura oval ou circular, que se emprega como ornato na construção de edifícios suntuosos, nos pedestais de colunas ou de ornamentos, etc.

**Pilar** – s.m. coluna simples e sem ornamentos que serve de suporte a um edifício ou a uma edificação. // F. lat. Pila. (pág. 2810)

**Pinho** – madeira do pinheiro (aplicável ao produto das espécies pináceas e araucariáceas).

**Pistola** – arma de fogo curta, que se dispara só com uma das mãos; Pistola de arção, pistola de algibeira. Aparece uma imagem de várias pistolas, sendo entre elas uma de dois canos, considerada como “antigas”, de carregar pela boca.

**Rancho** – (Brás.) Choça ou telheiro, à beira dos caminhos, para abrigo provisório. // Barraca provisória que se constrói no sítio em que se pretende pernoitar, ou em que se leva o gado a pastar.

**Ribeirão** – s.m. (Brás.) ribeiro um tanto largo, ribeiro de águas engrossadas. // Terreno próprio para a lavra de diamantes. // (F. Ribeiro)

**Sala** – Compartimento principal de uma casa, geralmente destinada aos usos da vida externa e social; sala de visitas, de jantar.

**Saletta** – sala pequena. // Sala onde são recebidas as pessoas de pouca cerimônia; sala que serve para costura e outros trabalhos domésticos.

**Secretária** – móvel que consiste uma espécie de mesa, onde se escreve; espécie de escrivaninha onde se guardam documentos mais ou menos importantes e dinheiro.

**Tabuinhas** – pl. peça composta de tabuinhas ou fasquias de madeira, sobrepostas horizontalmente e enfiadas em cordas e fitas para se poderem subir ou descer, que se suspende nos vãos das janelas ou das portas para resguardar do sol ou das vistas estranhas o interior das casas, persianas. // F. dim. De Tábuia. (pág. 3481)

**Tacho** – s.m. vaso largo de cobre, latão, barro, etc. com duas asas ou mesmo sem asas, que serve para usos culinários e especialmente para frituras, assados, guisados e doces de calda. Faz-se tudo ferver mui lentamente a um fogo doce, e sem fumo em um tacho, ou caçoula vidrada (Fr. José Mariano Veloso in Eduardo Siqueira, Abelhas, p. 109, ed.1900) // Jogo de bilhar conhecido como jogo do prato. // (Fig.) Cozinha. // Antiga medida portuguesa equivalente a 25 litros. // (Brás.) (Pop.) Piano ruim, velho ou desafinado.

**Toucador** – móvel semelhante a mesa ou de cômoda com espelho e utensílios próprios para alguém se pentear ou tocar.

### Anexo III

#### Diversos Anúncios de Jornais – 1882 a 1904.

Gazeta Paranaense – quarta-feira 1º de março de 1882. Curitiba, Num.170.

“**Collegio Corytibano** – sob a direção do professor Nivaldo Texeira Braga. Local: prédios ns. 3 e 4 do Largo do Rosário.

7/01 a 7/12 – português, latim, francês, alemão, inglês, geografia, história, arithimética, noções de álgebra e geometria, doutrina e moral, desenho, canto, e gymnastica.

Matricula: - interno: 75\$000

- ½ pensionista: 30\$000

- externo: 12\$000

A cada 3 meses menos lavanderiaaos internos, e menos as aulas secundárias para os externos”.

Anúncios. Sábado 15/04/1882 – Curitiba – Num.187/Anno VI PR. Gazeta Paranaense.

“**A rua de Matto Grosso** acha-se estabelecida uma casa de pasto onde encontra-se todas as horas – café e comida.

Dá-se agasalho e hóspedes. Tem boa estrebaria para animaes.

Scientifica-se aos viajantes e a boa rapaziada de quem se espera de protecção. À rua de Matto Grosso”.

“**Vende-se ou aluga-se** uma excelente chácara no alto do Mayer no rocio d’esta cidade, junto ao cemitério.

A chácara é construída de pedra e cal, tem quintal, boas águas, e excelente estrada para esta cidade.

Quem pretendel-a pode entender-se com Adão Kelle ou Pedro Hay”.

**Vende-se um trolly** bem construído (volta inteira) bem alcochoado, de bem gosto, em casa do Sr. Henrique Henke. Rua do Hospital”.

Gazeta Paranaense - Quinta feira, 27/07/1882 – Curitiba Num.213 /Anno VI Paraná.

“**Aluga-se uma boa casa** na rua Mattto Grosso própria para pequena família com bom quintal e excellent água para beber e para lavar. Nesta Typographia se dirá com quem tratar”.

“**Precisa-se comprar uma cadeira de balanço**, sendo boa. Informe-se nesta typographia”.

“**Na Chácara** do Tenente-Coronel Eugenio Virmond, ponto distante da cidade, e da capella do senhor Bom Jesus dos Cabraes há um trolly em perfeito estado e com pouco uso, a vender-se por cômodo preço, em virtude das circunstancias, que concorrem para a venda.

Não é pesado, dois animaes de pouca força tem conduzido nelle até 14 pessoas (entre adultos e crianças)”.

Gazeta Paranaense - Anúncios. Curitiba, 21/07/1882 - Anno VI  
Paraná.

“**Vende-se uma casa** na rua do Hospital solidamente construída e bem acabada de 45 palmos de frente e 32 de tudo com quintal correspondente e bem plantado pelo preço de 1:500\$000, quem deseja tratar dirija-se ao Sr. Governo Strobel”.

“**ILEX MATTE** - marca registrada. 1pcte de 1Kg de Mate - 500rs”

“Punch du Cognac - litro 3\$500.

- Caixa de 12 litros - 36\$000”

Gazeta Paranaense - Anúncios. Curitiba, 17/03/1883. Num. 246  
Anno VII

“**Piano Herz**

Uma família que se retira brevemente para a corte dispõe de um piano armário grande formato (7 bis), do autor Henri Herz pelo preço de 12:00\$000. Informa-se n’esta Typographia”.

Gazeta Parananense - Num.1 - Domingo, 01/01/88 Anno XII.  
Typographya e Escriptorio. Rua da Imperatriz, no87.

Anúncios:

“**Marcinaria Renaceça**

Rua da Imperatriz no 50

Acaba de receber um grande sortimento de mobílias francesas principalmente cadeiras de madeiras pintadas a fantasia e de forma bonita, dúzia de 30 54\$000 cadeiras de palhinha duzia de 60\$, cadeiras de balanço grande 26\$000, cadeira para criança altas 9\$ também se encontra mobílias de luxo completas e moveis nacionaes de todas as qualidades. Por preço moderado e com garantia”.

Gazeta Paranaense - Anúncios: Domingo, 8/01/88 - Anno XII, N.6.

“Bom Emprego de Capital”

**“Vende-se um terreno** (carta de data) sito no largo do Bom Jesus, com explecito Chalet assobradado, contendo este 14 quartos 2 cosinhas, etc. tudo em bom estado, e aquelle com um bonito Jardim na frente, tendo uma excellente vista. Além disso encontra-se muito boa água potável e 200 pés de vinha de superior qualidade. Este terreno está cercado de gradil de ferro e muros. Além de todas as comodidades tem ranchos, estrabarias, etc.etc.Pra mais informações com a proprietária no mesmo Chalet. Emília Lindemon”.

Gazeta Paranaense - anúncios Quarta-feira, 11/01/88 - Anno XII, NUM. 8.

**“ATENÇÃO**

Vende-se uma casa com 4 portas de frente, muitos fundos, construção sólida, quintal murado, soalhada, forrada e envidraçada, sita a rua da Assembléia muito perto do ponto dos bonds.

Quem pretender pode dirigir-se ao leiloeiro Miranda Rosa que está encarregado de mostral-a e realizar a venda (30 vezes - 3.v.p.s)”.

**“BAZAR DE HAMBURGO**

Em Curitiba,

**Vende-se baratíssimo** para queimar

Saias de cores de chita e brancas	4\$000
1 Serviço prateado para café	33\$000
2 Vazos para flores com armação	15\$000
1 bom relógio (regulador) que regula certo	20\$000
1 espingarda de 2 canos (Lefancheux) novo por	60\$000
Capas de borracha legítima	16\$000
Ternos de Casimira fina e padrões modernos a 30 e	40\$000

Pomada especial para limpar bronze, estanho, prata e ouro, polifera Hamburgueza para remover mobília e goma para collar porcellna, oferece por preços reduzidos. Rua Riachuello. K. Szulc”.

Gazeta Paranaense - Anúncios. Quarta-feira, 12/01/1888 - No.9 - Anno XII.

**“Bom emprego de capital**

O abaixo assignado **vende suas casas** no porto D.Pedro II, construída todas de pedra e com boa construção e em bom ponto. Para maiores informações...”(Paranaguá).

**“Vende-se :**

Uma chácara com excelente casa construída de pedras e tijolos, cômodos para família grande, paiol, estrebaria, água potável, grande quintal cercado com 800 pés de parreiras de 3 a 4 anos, plantações enxentradas, potreiro com 25 cartas de foro tudo bem cercado, no quarteirão de Uberaba no caminho do Cajuru, nas proximidades desta cidade”.

Gazeta Paranaense – Anúncios: Quarta-feira, 12/01/88 – no 9 – Anno XII.

“O abaixo assignado autorizado por sua mulher **vende uma casa** toda de madeira, na rua XIX de Dezembro, junto à casa do Sr. José Balão.

Quem pretender, dirija-se ao quartel do 2º corpo de cavalaria para tratar com André Gonçalves Cajueiro”.

“**Grande sortimento de cadeiras** de 30\$ a 52\$000 cadeiras altas, empalhadas para crianças a 7\$000”

Dezenove de dezembro – Sábado 12 de Janeiro de 1890 – Anúncios:

**Carne de vacca** – 160 rs o Kilo.

Capas, Pelerines, corpetes e outras roupas entre 16 e 20\$ a 35\$000.

Matte – 350rs por pacote

- 450 em latinhas de quilo

- 300 em latas de 6 a 11 kilos

Remédio para asma – 2\$500 o frasco

- 13\$000 ½ dúzia

- 24\$000 1 duzia

Photografia de 25\$000 a 50\$000.

1 piano – 500\$000

Uma casa nova com 4 portas, bom quintal e boas condições na venda

Cachimbo turco – fumo picado o kilo de 600rs a 1\$000

2/03/1891 – no.49. Anúncios. Anno I.

“**Aluga-se a casa** rua de S. Francisco no 5 por preço cômodo , trata-se na rua Riachuello no. 51. casa Italiana”.

03/03/1891 – no.50.

“**Mobílias à Venda:**

1 carrinho americano para criança 35\$

1 lavatório portátil de ferro 6\$

3 estantes grandes, duas sendo para livros a 9\$ cada uma

1 elegante secretária de cerejeira, fabricada em Nova York 150\$

1 machina americana com tinta e papel (pode tirar cópias enquanto imprime o original) 90\$”.

**Relação dos Gêneros / Preços pelas propostas de Schlader e Franklin.<sup>1</sup>**

Aguardente	Litro	\$800	\$840
Araruta	Kilo	\$800	1\$200
Assucar redondo de 2 <sup>a</sup>	"	1\$000	1\$100
" " de 3 <sup>a</sup>	"	\$900	1\$040
Bcalhau	"	1\$200	1\$300
Banha de porco	"	1\$200	1\$400
Bolacha de 50 gramas	"	1\$000	1\$200
Café em grão	"	1\$700	1\$800
" moído	"	2\$200	2\$300
Carne seca da terra	"	\$800	\$840
Cerveja Inglesa	Garrafa	1\$800	2\$000
Chá hyson	Kilo	10\$000	12\$000
Farinha de mandioca	Litro	\$240	\$280
Farinha de milho	Litro	\$200	\$280
Feijão preto	Litro	\$340	\$350
Frangos	Um	\$500	\$650
Galinha	Uma	\$800	1\$400
Kerozene inexplósivel	Litro	\$800	1\$300
Kerozene	"	\$700	\$900
Matte	Kilo	\$100	\$150
Pão de 100 gramas	Um	\$150	\$200
Polvilho	Litro	\$300	\$320
Queijo nacional	Um	\$500	1\$000
Roscas de 50 gramas	Uma	\$50	\$60
Sabão da terra	Kilo	\$400	\$500
Sal	Litro	\$150	\$160
Toucinho	Um	\$800	1\$000
Velas de 250 gramas	Um	\$800	\$930
Velas de cebo	Kilo	1\$000	1\$400
Vinagre de Lisboa	Litro	\$400	\$500
Potreiro e pastagem	Diária	\$040	\$100
Cerveja nacional	Garrafa	\$500	\$500
Fumo em rolo	Metro	\$600	\$600
Laranja	Uma	\$20	\$020
Arroz	Kilo	\$600	\$600
Carne de porco	"	\$600	\$500
Goiabada em lata	"	3\$500	2\$000
Manteiga inglesa	"	5\$500	4\$800
Marmelada	"	3\$000	2\$500
Massa para sopa	"	2\$000	1\$800

<sup>1</sup> Curitiba, 5 de julho de 1892. Diário do Comércio – Propriedade do Barão do Serro Azul. Anno II – No 444, p.6.



Vinho Branco	Litro	2\$000	1\$300
Vinho tinto do Porto	"	6\$000	1\$400
Vinho fino em garrafa	"	5\$000	4\$500

**"Grande Cocheira** – Rua XV de Novembro –  
esquina da largo Theresa Christina.

De dia dentro do quadro urbano:

Por hora em uma corrida – 2\$000".<sup>2</sup>

**Preparação para Goma** - \$500 o frasco<sup>3</sup>.

**Entrada de teatro:**

Camarotes 1ª ordem	20\$000
Camarotes 2ª ordem	15\$000
Cadeiras	4\$000
Geraes	3\$000
Galeria	1\$000

**"Trabalhadores,**

A empresa das obras dos caes dos Santos precisa de trabalhadores para movimento de terra pagando a diária de 4 mil reis, casa, medico e Botica".<sup>4</sup>

Anúncios no. 731 – 18/11/93.

**"Carne gorda** especial com osso a 600 reis o kilo".

Parte Comercial. No.732 – 20/11/1893. Anno III

Boletim do mercado da Capital do dia 14/11/1893.

**Gêneros vendidos**

Farinha de mandioca	não há	
Farinha de milho	alqueire	6000
Milho	"	4000
Feijão	"	11000
Toucinho	arroba	11000
Carne fresca	kilo	700
Carne seca	"	13:000
Carne de porco	arroba	10:000
Fumo	"	23:000
Queijo	"	4:000

<sup>2</sup> Pag.4. Anno II- Curitiba, 6 de Julho de 1892, no. 443. Diário do Comércio – Propriedade do Barão do Serro Azul

<sup>3</sup> Diário do Comércio – Propriedade do Barão do Serro Azul. Curitiba 09, de julho de 1892. Anno 2 – no 449.

<sup>4</sup> Diário do Comércio – Propriedade do Barão do Serro Azul. Anno 2 – no452. Curitiba, 16 de julho de 1892.

Ovos	dúzia	600
Frango	um	1300
Galinhas	uma	1600
Batatas	alqueire	4:000
Banha	não há	

Anúncios – 29/11/1893 – no.740. Anno III

**Preços das perfumarias** fabricadas por Dr. Werneck.

Vinagre de toilette vidro 4:000 reis

Tonico vegetal para o cabelo vidro 3:000

Água Panamá, contra caspa – Vidro – 3:000

Pó dentifrício – caixa- 3:000

Pó de Arroz, roza ou branco – caixa – 3:000

Elixir dentifrício vidro 2:000

Creme lanolina para amaciar a cutis – caixa – 3:000

Curitiba, 2/01/94 – n.1 Anno IV – p. 3.

### **Leilão de móveis**

Catálogo:

#### **Sala de visitas**

1 Meza redonda envernizada  
 1 Pano para cobertura de mesa  
 1 Cesta fantazia para ornato  
 1 Lindo par de quadros a óleo  
 1 Par de quadro com oleographias  
 1 Rico quadro representando  
 a celebre Heroína, Joanna d'  
 Arc, prestando juramento na-  
 tes de seguir para a guerra.  
 2 Mesinhas pequenas  
 1 Lindo porta cartões  
 1 Tapete para sala  
 1 Par de escarradeiras  
 1 Par de vasos de Porcellana  
 1 Rico par de vasos de “  
 1 “ “ “ “ “ “  
 1 Palmatória de Porcellana  
 4 vasos com plantas

#### **Sala de visita**

1 Excellente mobília austríaca  
 com encostos de palhinha e  
 composta de 1 sophá, 42 ca-  
 deiras, 2 ditas de braços e 1

1 Bidet  
 1 Cupula  
 1 Cama para casal  
 1 Hergão  
 1 Cama para criança  
 1 “ “ “

#### **Sala de Jantar**

1 Mesa de jantar  
 1 Meia mobília de vime com-  
 posta de 4 sophás, 6 cadeiras  
 12 ditas de braço e 2 consolos  
 1 Par de quadro  
 1 Par “ “  
 1 Cadeira para criança  
 1 Excelente guarda louça  
 2 Consolos envernizados  
 1 Lampeão para centro  
 1 “ com pé  
 1 Par de vasos  
 1 Cabide  
 1 rico licoreiro

#### **Quarto**

1 Cama para solteiro

de balanço e 2 aparadores  
com pedra de mármore.

**Escritório**

1 Escrevaninha com balaústres  
4 Cadeiras  
1 Prensa para copiar  
1 Lampeão  
1 Quadro representando o 1º  
Governo da República Bra-  
zileira  
1 Dito com o retrato do Con-  
tra almirante Marques Gui-  
marães  
1 Dito representando a procla-  
mação da República Francesa  
1 Cabide

**Alcova**

2 Excelente Toilete com pedra  
e mármore e espelho

1 Bidet

1 Cabide

1 Mesa para costura

1 Mesa pequena

1 Tapete para cama

**Avulsos**

2 Excelentes cabras, leiteiras,  
sendo uma cria, uma ca-  
brita.

**Anexo IV – Atas da Câmara Municipal entre os anos 1878 e 1882.**

Acervo disponível na base de dados CAMARA do aplicativo WINISIS da Casa da Memória da Fundação Cultural de Curitiba.









































